



## **26 DE MARÇO DE 2018**

### **Segunda-feira**

- PARANÁ FECHA FEVEREIRO COM O QUARTO MELHOR DESEMPENHO DO PAÍS, SEGUNDO CAGED
- ARTIGO: A INDÚSTRIA 4.0 E A EDUCAÇÃO DE ENGENHARIAS NO BRASIL
- INDÚSTRIA DO AÇO TEM 'INUNDAÇÃO' DE IMPORTAÇÕES
- MARCOS JORGE: "PALAVRA-CHAVE PARA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA É PREVISIBILIDADE"
- BRASIL DEMORA PARA ASSINAR PACTOS INTERNACIONAIS ACORDADOS, DIZ CNI
- FGV: CONFIANÇA DA CONSTRUÇÃO SOBE 0,7 PONTO EM MARÇO, PARA 82,1 PONTOS
- COM ELEIÇÃO, AÇÕES PODEM RESERVAR ARMADILHAS PARA O PEQUENO INVESTIDOR
- INVESTIMENTO EM STARTUPS BRASILEIRAS BATE RECORDE EM 2017
- "EMPRESAS PODEM INCENTIVAR MAIS PROJETOS COM MINIEQUIPES MULTIGERACIONAIS", DIZ CONSULTOR
- BRASIL ABRE 61,2 MIL VAGAS FORMAIS DE TRABALHO EM FEVEREIRO
- EMPREGO INFORMAL TIRA FORÇA DA RETOMADA NA ECONOMIA
- 'COM CARTEIRA, A GENTE SENTE ESTABILIDADE', DIZ EX-CLT QUE VIROU EMPREENDEDORA
- CÂMBIO PARA FIM DE 2018 PERMANECE EM R\$ 3,30
- FOCUS: PROJEÇÃO PARA SELIC NO FIM DE 2018 SEGUE EM 6,50% AO ANO
- ALTA DO PIB DE 2018 SOBE PARA 2,89% NA PROJEÇÃO DO FOCUS
- RENTABILIDADE MAIOR EXIGIRÁ APETITE A RISCO
- REFORMA TRIBUTÁRIA PROMETIDA POR TEMER NÃO SAI DO PAPEL
- CONTRA O SENSO COMUM, ESSAS EMPRESAS ESTÃO RECRUTANDO PESSOAS DE 50 ANOS OU MAIS

- EMPRESAS FORÇAM INTERAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS JOVENS E VETERANOS
- VOLKSWAGEN COMPLETA 65 ANOS NO BRASIL E CONFIRMA LANÇAMENTO DE UTILITÁRIOS
- PELA 1ª VEZ GRUPO BMW SUPERA 100 MIL CARROS ELÉTRICOS VENDIDOS EM UM ANO
- VW COMPLETA 65 ANOS NO BRASIL E ESTUDA CONTRATAR NA ANCHIETA
- PILKINGTON ABRE REDE DE SERVIÇOS DE VIDROS AUTOMOTIVOS NO BRASIL
- DENATRAN SUSPENDE RESOLUÇÃO QUE REGULAMENTA PLACAS PADRÃO MERCOSUL
- FCA ABRE 3º TURNO EM PERNAMBUCO E TEMER PRORROGA INCENTIVO AO NORDESTE
- CARRO FLEX CHEGA AOS 15 ANOS COM 30,5 MILHÕES DE UNIDADES
- NGK ANUNCIA INVESTIMENTO DE R\$ 210 MILHÕES EM SUA FÁBRICA NO BRASIL
- FCA TROCA COMANDO NA AMÉRICA LATINA: SAI KETTER, ENTRA FILOSA
- SCANIA QUER REDUZIR PELA METADE A EMISSÃO DE CO2 ATÉ 2025
- NEGOCIAÇÃO DE CARRO FORA DE LINHA PODE INCLUIR EQUIPAMENTOS EXTRAS E DESCONTO
- BRASIL DEVE OLHAR OPORTUNIDADES DE FORA, DIZ PRESIDENTE DA FIAT CHRYSLER
- ACÇÕES DE SIDERÚRGICAS ESTÃO EM QUEDA NA BOLSA

<b>CÂMBIO EM 26/03/2018</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,302	3,303
<b>Euro</b>	4,107	4,109

**Fonte: BACEN**

Paraná fecha fevereiro com o quarto melhor desempenho do país, segundo Caged

26/03/2018 – Fonte: Bem Paraná

O mês de fevereiro fechou com saldo positivo de empregos no Paraná. Foram criadas 7.703 vagas no estado, uma variação de +0,30% em relação a janeiro. O resultado foi o quarto melhor do país. Os principais setores responsáveis pelo bom resultado

foram os de Serviços, com 6.115 novos postos, e o da Indústria de Transformação, com a geração de 1.592 vagas. Os dados estão no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho, divulgado nesta sexta-feira (23).

Desempenho nacional – Fevereiro registrou a abertura de 61.188 novos postos de trabalho no Brasil, um aumento de 0,16% em relação ao estoque de janeiro. É o melhor resultado para o mês desde 2015, decorrente de 1.274.965 admissões e 1.213.777 desligamentos. Os dados estão no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho, divulgado nesta sexta-feira (23).

“Esses resultados confirmam a recuperação econômica e a retomada dos empregos. As medidas adotadas pelo governo foram acertadas e estamos otimistas que esses números se repetirão ao longo do ano”, avalia o ministro interino do Trabalho, Helton Yomura.

Setores – Cinco dos oito principais setores econômicos tiveram saldo positivo. O principal deles foi o de Serviços, com a criação de 65.920 novos postos de trabalho, crescimento de 0,39% sobre o mês anterior. A Indústria de Transformação foi o segundo setor com melhores resultados (+17.363 postos), com um acréscimo de 0,24% sobre janeiro. O terceiro melhor resultado ficou com a Administração Pública (+9.553 postos), seguido de Serviços Industriais de Utilidade Pública (+629 postos) e Extrativa Mineral (+315 postos).

Apenas três setores apresentaram saldos negativos: Comércio (-25.247 postos), Agropecuária (-3.738 postos) e Construção Civil (-3.607 postos).

Regiões – Das cinco regiões, quatro apresentaram saldos positivos no emprego. O melhor desempenho foi no Sul, que teve acréscimo de 37.071 postos. O Sudeste teve aumento de 35.025 vagas formais, Centro-Oeste, com 14.407, e Norte, com 638. O desempenho negativo foi no Nordeste (-25.953 postos).

Entre as unidades da federação, 15 estados e o Distrito Federal registraram variação positiva no saldo de empregos e 11 estados, variação negativa. Os maiores saldos de emprego ocorreram em São Paulo (+30.040 vagas), Santa Catarina (16.344), Rio Grande do Sul (+13.024), Paraná (+7.703), Minas Gerais (+7.288) e Goiás (+5.137).

Os menores saldos de emprego ocorreram em Alagoas (-10.698), Pernambuco (-7.381), Rio Grande do Norte (-3.570), Paraíba (-2.758), Rio de Janeiro (-2.750) e Sergipe (-931).

## **Artigo: A indústria 4.0 e a educação de engenharias no Brasil**

26/03/2018 – Fonte: Gazeta do Povo

***O atual quadro de calamidade e má qualidade das escolas de Engenharia precisa ser atacado de frente. Felizmente, já há muitas iniciativas nesse sentido***



Marcos Santos/USP Imagens

O economista norte-americano Jeffrey Sachs, da Columbia University, declarou recentemente que “o futuro do mundo depende dos engenheiros” e que das suas pranchetas devem sair cinco transformações: das fontes de energia; do uso da terra

e produção de alimentos; da urbanização das cidades; dos serviços públicos, educação e saúde; e profunda inovação tecnológica. Neste cenário desafiador, aqui, no Brasil, tais transformações já começam a se desenhar em dois movimentos estratégicos: um na indústria e outro na educação.

Do lado da produção, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) apresentou propostas de medidas para apoiar a adaptação de empresas ao modelo que vem sendo chamado de "indústria 4.0", integrando diversos tipos de tecnologias no processo produtivo, entre elas a Internet das Coisas(IoT), Big Data, impressão 3D, robótica, inteligência artificial e realidade aumentada.

Também já estão em curso investimentos em algumas unidades do Senai para a construção de centros de treinamento para a indústria 4.0, focados na educação de jovens estudantes e executivos de empresas do setor industrial.

As novas diretrizes curriculares nacionais virão modernas, inovadoras e transformadoras

Na área educacional, a movimentação é mais intensa. Por isso, podemos citar quatro iniciativas estruturantes que apontam para um novo caminho na formação de engenheiros no Brasil. A primeira iniciativa vem da Associação Brasileira de Educação em Engenharia (Abenge), que está liderando a aprovação de novas diretrizes curriculares nacionais, que virão modernas, inovadoras e transformadoras.

A segunda iniciativa é uma tomada de consciência, ampliada e disseminada, no contexto das instituições de ensino, entidades e associações profissionais, de que o atual quadro de calamidade e má qualidade das escolas de Engenharia precisa ser atacado de frente, com a redução das alarmantes notas 1 e 2 no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) em 50% das escolas de Engenharia no Brasil e a adoção de novos sistemas de avaliação seriada formativa, ano a ano, com diagnósticos e planos de ação de melhoria progressiva.

A terceira iniciativa educacional, nesse cenário de futuro, é a criação, pela Poli-USP, da Rede de Escolas de Engenharia Empreendedora, uma ação transformadora e sistêmica que passa pelo treinamento i-Corps, cuja metodologia oferece formação para empreendedores, com o objetivo de incentivar a criação de *startups* a partir de pesquisas desenvolvidas em universidades e – o mais importante – tendo como base o desenvolvimento de cada cidade, a partir dos seus problemas e suas demandas.

A quarta iniciativa a ser destacada, dentro do contexto de se garantir escala e replicabilidade nacional, é o engajamento e a participação dessa Rede de Escolas de Engenharia Empreendedoras, por meio de seus integrantes, em projetos inovadores das instituições de ensino superior dos cursos de Engenharia, fazendo uso dos avanços da tecnologia educacional, com ganhos na melhoria da qualidade do aprendizado, do devido uso das metodologias ativas e da realidade aumentada, criando uma nova geração de docentes e com custo mais acessível para os alunos, garantindo cursos de qualidade, flexibilidade e com empregabilidade.

Importante destacar que a viabilização desses quatro marcos referenciais foi o resultado de um intenso trabalho conjunto da Abenge, CNI e Ministério da Educação ao longo de 2017 e, talvez, pela primeira vez no Brasil, uma "fusão do trabalho integrado, na busca de qualidade do sistema nacional de educação em engenharia", das escolas do "topo da pirâmide" (as melhores escolas de Engenharia, que representam apenas 20% do todo) com a "base da "pirâmide" (as escolas que demandam a melhoria da qualidade, que representam 80%). Um grande avanço!

Em 2018, a engenharia brasileira deu a sua virada. Já era hora!

**Aécio Freitas Lira**, Ph.D., é coordenador do Conselho Multidisciplinar da Unicesumar EAD Engenharias e ex-diretor da Escola de Engenharia da UFMG.

## Indústria do aço teme 'inundação' de importações

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

O governo montou um sistema de monitoramento especial para acompanhar, em detalhe e em tempo real, como estão as importações dos produtos atingidos pela decisão dos Estados Unidos de sobretaxar suas compras de aço em 25% e as de alumínio em 10%. A ordem é adotar medidas caso haja oscilações importantes no ingresso desses produtos no Brasil.

Há uma preocupação, no governo e no setor privado, quanto ao que pode acontecer com os produtos que "sobrarem" no mercado com a eventual redução das importações pelos Estados Unidos. Empresas brasileiras de aço e alumínio temem uma inundação e cobram mais proteção.

"É ingenuidade achar que, com uma medida dessas (sobretaxa), as indústrias vão espontaneamente reduzir sua produção", disse o presidente da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), Milton Rego. "Elas vão buscar alternativas para desovar sua produção."

O presidente executivo do Instituto Aço Brasil (IABr), Marco Polo Mello Lopes, disse que, potencialmente, a sobretaxa pode desviar para outros mercados perto de 25 milhões de toneladas de aço importados pelos Estados Unidos. A produção brasileira foi de 34 milhões de toneladas no ano passado.

"Nós somos presa fácil", disse o presidente do conselho do IABr, Alexandre Lyra. Ele se referia ao fato que o governo decidiu, em janeiro passado, não aplicar uma sobretaxa sobre as importações de aço laminado a quente importado da China e da Rússia.

Os ministros que integram a Câmara de Comércio Exterior (Camex) entenderam que havia razões para cobrar uma taxa adicional nos casos analisados, mas preferiram adiá-la por dois motivos principais: as importações estão num volume relativamente baixo por causa da crise, e a medida poderia resultar na elevação do preço do aço, com repercussões em outros produtos industriais.

### Paliativos

Lyra disse que o setor ganhou, mas não levou o antidumping. E no momento se encontra sem proteção alguma, num mercado que debate há alguns anos o que fazer com o excedente de produção de aço no mundo.

Na semana passada, em audiência com o presidente Michel Temer, ele pediu que a decisão da Camex seja revista. O setor argumentou que a sobretaxa dos EUA é um fato novo que justifica uma nova discussão. Do ponto de vista do governo, a aplicação do antidumping pode ser revista se houver um aumento expressivo da importação daquele produto específico.

O ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Marcos Jorge, disse que "a priori" não deve haver essa inundação do mercado brasileiro temida pelas empresas. "Temos um sistema de defesa comercial robusto e reconhecido no mundo inteiro. Temos uma medida antidumping já aprovada no setor de aço, mas suspensa. Caso haja alguma distorção no mercado, atuarmos dentro do devido processo legal", afirmou.

Para o gerente executivo de Assuntos Internacionais da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Diego Bonomo, é cedo para saber se haverá ou não essa inundação.

Dependendo da real extensão da sobretaxa dos EUA, pode ser que o país reduza pouco suas compras.

Analistas de mercado também dizem que há risco de uma "inundação" de produto estrangeiro no País. Vitor Suzaki, da Lerosa Investimentos, diz que o movimento pode criar maior competição no ambiente doméstico que já tem apresentado recuperação da demanda, assim como retomada do crescimento do setor automobilístico.

A analista Sabrina Stefane Cassiano, da Coinvalores, no entanto, lembra que a sobretaxa nos Estados Unidos beneficia a Gerdau, pois cerca de 40% de sua receita advém de suas operações no mercado americano. Sabrina ressalta que as demais companhias, entre elas a Usiminas, poderão ser beneficiadas pela alta da demanda doméstica.

#### Fator China

Com a exclusão temporária de Brasil, Argentina, Austrália, Coreia do Sul e União Europeia da sobretaxa, pelo menos até 1.º de maio, boa parte do fornecimento deverá continuar como está, pelo menos no curto prazo. Ficou claro que o alvo da medida era a China – mas esse não é um problema pequeno.

A China fornece metade do aço e do alumínio importados pelo Brasil. No caso do aço, as compras chegaram a 961 mil toneladas, o que correspondeu a 41,3% do total importado. No caso do alumínio, a China respondeu por 46% das compras brasileiras no ano passado, que totalizaram 155 mil toneladas.

"Tem umas coisas que eu nunca tinha visto", comentou o presidente da Abal. Ele citou como exemplo os cabos de transmissão de energia elétrica. Há alguns anos, eles eram brasileiros. Hoje, predominantemente eles chegam da China. O país respondeu por 92% das importações brasileiras de cabos de alumínio no ano passado. "O Brasil é competitivo no alumínio. Compete com americanas e europeias, mas não com a China S.A.", disse o executivo

### **Marcos Jorge: "palavra-chave para indústria automotiva é previsibilidade"**

26/03/2018 – Fonte: MDIC

Ministro participou da cerimônia de abertura do terceiro turno da fábrica da Fiat Chrysler Automobiles em Goiana (PE)

O ministro Marcos Jorge participou nesta sexta-feira do anúncio da abertura do terceiro turno da fábrica da Fiat Chrysler Automobiles (FCA) em Goiana (PE). A operação tem potencial para gerar dois mil novos empregos. Na cerimônia, que contou com a presença do presidente Michel Temer, o ministro afirmou que a palavra-chave para este setor é previsibilidade.

"Entendemos que é preciso oferecer condições, no médio prazo, para que as empresas sejam cada vez mais competitivas e ampliem seus níveis de inovação. O Brasil pode e deve se tornar uma plataforma regional indutora de tecnologia", disse. Na cerimônia, o presidente Michel Temer anunciou a prorrogação por mais cinco anos do Regime Automotivo do Nordeste, que dá benefícios fiscais para montadoras instaladas na região.

O ministro ressaltou, ainda, a capacidade de transformação social da indústria brasileira. "Goiana viu um imenso canal de 11 milhões de metros quadrados ser transformado em um parque industrial moderno, inovador e com tecnologias de última geração", afirmou.

Marcos Jorge lembrou que, nos últimos dois meses, visitou três plantas industriais do segmento automotivo instaladas em diferentes regiões brasileiras: Sudeste, Sul e no

Nordeste. "Encontrei, em todas elas, um setor pujante, que acredita em nosso país, gera empregos qualificados, riqueza e desenvolvimento onde se instala. O anúncio de lançamento do terceiro turno desta fábrica confirma que este setor é um dos protagonistas do crescimento econômico do nosso país", disse.

O ministro ressaltou que o setor automotivo representa um quinto do PIB industrial brasileiro e emprega cerca de 1,6 milhão de trabalhadores. "Esta é uma cadeia produtiva longa, capaz de empregar mão de obra qualificada em todo o país", afirmou.

Segundo Marcos Jorge, o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) tem acompanhado de perto anúncios de novos projetos deste segmento da indústria por estar comprometido com o segmento industrial, trabalhando diretamente para o aumento da competitividade, da produtividade e dos níveis de inovação.

A fábrica de Goiana é mais moderna do Grupo FCA. Entre 2015 e 2017 produziu 300 mil veículos. Emprega cerca de 8,5 mil pessoas, tem capacidade para produzir 250 mil veículos por ano e conta com espaço para expansão futura.

### **Exportações**

O ministro falou ainda do trabalho do MDIC para buscar condições para que a indústria automotiva instalada no Brasil conquiste, cada vez mais, novos mercados estrangeiros. No ano passado, a política internacional brasileira trouxe ótimos números. O Brasil exportou 791 mil carros para 83 mercados. As vendas cresceram, principalmente, para Argentina, México, Chile, Uruguai e Colômbia.

O município de Goiana exportou US\$ 740 milhões em 2017. Com esse desempenho, Goiana se posiciona como principal exportador de Pernambuco, sendo responsável por mais de 35% de tudo que o estado exportou no ano. Os principais produtos exportados, foram os veículos automotores. "O desempenho das nossas exportações reflete o esforço do governo brasileiro em firmar acordos automotivos com outros países", avalia.

### **Indústria 4.0**

Marcos Jorge destacou ainda a atuação do MDIC no lançamento da Agenda Brasileira para a Indústria 4.0, em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), na semana passada.

"Acreditamos que, como formulador de política pública, o MDIC pode contribuir para que o Brasil seja protagonista da chamada quarta Revolução Industrial", disse o ministro. "A pauta da indústria 4.0 no Brasil é urgente e deve contemplar, obrigatoriamente, temas como comércio internacional, pesquisa e desenvolvimento, harmonização regulatória, apoio às startups, formação e requalificação de recursos humanos", explicou.

## **Brasil demora para assinar pactos internacionais acordados, diz CNI**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

***Pactos de cooperação com México e Chile são considerados essenciais***



Há ao menos sete acordos internacionais que ainda não entraram em vigor porque aguardam assinatura do Brasil, segundo a CNI (Confederação Nacional da Indústria).

Entre eles, dois pactos de cooperação e facilitação de investimentos são considerados essenciais pela entidade: com México e Chile. Há também negociações semelhantes com Moçambique e Maláui.

Os outros entendimentos se referem a contribuições previdenciárias, negociadas com Coreia do Sul e a província de Quebec, no Canadá, e um acordo de facilitação de comércio com o Peru.

“O país está em um momento de redução da burocracia, há vontade de modernizar processos, mas às vezes tudo para por um detalhe”, diz Carlos Abijaodi, diretor da CNI.

O prazo médio entre a notificação de um acordo ao Congresso e a promulgação por decreto é de 4,5 anos, de acordo com a entidade.

Há outros acordos considerados mais importantes pela iniciativa privada, mas que dependem do aval de mais países. É o caso da possível isenção tarifária em trocas entre União Europeia e Mercosul.

“Os blocos estão em fase final de negociação, o que não significa que temos previsão de quando ela será concluída”, diz Fabrizio Panzini, gerente da área na CNI. A próxima rodada de conversas será em abril, em Bruxelas.

Além do debate sobre limitações nas trocas da área agrícola, por parte da Europa, e da indústria automotiva, pelo Mercosul, há questões técnicas pendentes, como regras de conteúdo regional para a isenção de tarifas.

### **FGV: Confiança da construção sobe 0,7 ponto em março, para 82,1 pontos**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice de Confiança da Construção (ICST), medido pela Fundação Getulio Vargas (FGV), subiu 0,7 ponto em março ante fevereiro, alcançando 82,1 pontos. Dessa forma, o primeiro trimestre foi encerrado com uma alta de 2,9 pontos ante o trimestre anterior e de 7,2 pontos, sem ajuste sazonal, sobre o mesmo trimestre de 2017.

A coordenadora de Projetos da Construção do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre/FGV), Ana Maria Castelo, afirma que, neste mês, a confiança no setor retomou a trajetória positiva observada desde junho do ano passado. Segundo ela, a alta apurada no trimestre “reforça as projeções de crescimento setorial”. “Por outro lado, os sinais positivos ainda estão restritos a poucas atividades, destacando-se principalmente o segmento de Edificações”, pondera.

O avanço da confiança da construção no mês está relacionado a melhores avaliações sobre a situação corrente e sobre as expectativas. O Índice da Situação Atual (ISA-CST) aumentou 0,9 ponto, atingindo 71,4 pontos, o maior nível desde julho de 2015 (71,7 pontos).

A principal contribuição para esse movimento foi a percepção sobre a situação atual da carteira de contratos, que avançou 1,4 ponto, passando a 68,9 pontos. Mas a FGV destacou que esse indicador ainda está 30 pontos abaixo da média de 2013, último ano de crescimento do setor.

O Índice de Expectativas (IE-CST) subiu em março, com alta de 0,5 ponto, atingindo 93,2 pontos, com destaque para a demanda para os três meses seguintes, que cresceu 1,4 ponto, na margem, para 92,1 pontos.

Já o Nível de Utilização da Capacidade (NUCI) continuou recuando (-0,5 ponto) e chegou a 65%. Em relação aos NUCIs para Mão de Obra e de Máquinas e



Equipamentos, as variações foram opostas: -0,7 e 1,1 ponto porcentual, respectivamente.

## **Edificações**

Segundo a FGV, a alta da confiança registrada pelo segmento de Edificações reflete exclusivamente a percepção mais favorável dos empresários do ramo Residencial: nos primeiros três meses do ano, o ICST de Edificações Residencial foi o que mais contribuiu para o aumento da confiança do setor.

A instituição ainda avalia que esse desempenho da confiança de Edificações Residenciais indica que a situação do segmento continuou favorável no início de 2018 depois de melhores dados no ano passado. Em 2017, segundo a FGV, os resultados da Associação Brasileira de Incorporação Imobiliária (ABRAIC) mostram que houve aumento no número de lançamentos (29,7%) e nas vendas (15,3%) ante 2016, enquanto o volume de distratos – cancelamento de vendas – diminuiu.

“O cenário mais positivo para as empresas do ramo imobiliário residencial corrobora a percepção de que o crescimento do setor em 2018 será impulsionado pela habitação. Mas é importante lembrar que este desempenho continua muito concentrado nos empreendimentos do Programa MCMV, que é dependente dos recursos do FGTS e da Caixa Econômica Federal”, apontou Ana Castelo.

### **Com eleição, ações podem reservar armadilhas para o pequeno investidor**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

A sete meses das eleições, o espectro político permanece indefinido para a disputa da Presidência da República. Diante da incerteza, as casas de investimentos começam a preparar seus clientes para um momento que pode ser de sobe e desce nos preços das aplicações. Com os juros mais baixos da história e a Bolsa em alta, o cenário, dizem, pode representar uma armadilha para o investidor.

Para quem quer emoção e pretende aproveitar a trajetória ascendente da Bolsa – o Ibovespa, índice com as ações mais negociadas da B3, tem alta acumulada de 32,14% em 12 meses -, especialistas afirmam que empresas mais sensíveis à escolha do novo presidente, como estatais, podem ser boas para quem quer especular.

Já quem não busca emoção, mas não quer ficar de fora do rali do mercado, ações pouco expostas ao governo e mais ao cenário externo prometem menos sustos.

Dentro da Bolsa, o analista de investimentos da Modalmais Leandro Martins, recomenda ao investidor de pequeno porte optar por empresas que não sejam tão afetadas por decisões políticas ou possíveis canetadas do novo governo, como são as companhias estatais, de capital misto e os bancos.

Na opinião de Martins, o investidor iniciante deve observar os papéis classificados pelo mercado como “defensivos”. São exemplos empresas em setores de bebidas e de mineração. Esse tipo de ação, segundo o analista, sofre menos impacto da conjuntura política.

Por outro lado, quem tem mais apetite ao risco, pode optar por ações mais expostas, como, por exemplo, as estatais. Para o especialista, o futuro dessas empresas depende diretamente da nova gestão. Ele explica que esses papéis tendem a reagir de imediato para cima ou para baixo conforme o noticiário das eleições avança.

As ações ligadas ao consumo, como as varejistas, também podem ser boas opções, na opinião do professor da Fecap Joelson Sampaio. Isso porque a retomada econômica e a melhora nos índices de desemprego favorecem o setor.

Mas, expectativas à parte, Sampaio indica algumas medidas de proteção para o investidor dentro da renda variável. Uma dica é estipular limites de perda e diversificação de papéis, ou seja, não colocar todas as fichas em uma única ação ou em um único setor.

### **Volatilidade**

A diversificação, uma receita antiga e quase unânime para a composição de um bom portfólio de aplicações, faz-se ainda mais necessária em anos de incertezas. A tensão nos mercados é marca registrada dos anos eleitorais. Só que, diferentemente dos eventos anteriores, em 2018, os investidores estão no escuro quanto aos nomes dos presidenciáveis. "Quem for investir estará comprando um tíquete da montanha-russa, não de um carrossel", diz Arnaldo Curvello, da Ativa Investimentos.

Na eleição passada, por exemplo, já estava definido no início de 2014 que a disputa se daria entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB). No mercado, toda vez que a petista crescia nas intenções de voto, a Bolsa caía. Bastou a eleita colocar a faixa que o mau humor se espalhou e pôs o índice em queda.

Em 2010, quando Dilma Rousseff foi eleita pela primeira vez, o mercado não chegou a ver a decisão como uma surpresa. Mesmo assim, enquanto o jogo político se desdobrava, a curva da Bolsa se mostrou mais nervosa do que em 2009 e 2011 (ver gráfico). Outra prova da influência da política na Bolsa foi a volatilidade que o mercado financeiro viveu em 2002, ano em que Lula foi eleito presidente pela primeira vez.

Em alta. No ano passado, a Bolsa também passou por alguns soluços. Entre os fatores de nervosismo figuraram a delação premiada assinada pelos donos da JBS – que incluiu a gravação de uma conversa entre Joesley Batista e o presidente Michel Temer, divulgada em maio.

Apesar de momentos de instabilidade, aos poucos o Ibovespa caminhou para máximas históricas. Especialistas acreditam que o índice Ibovespa ainda tem potencial de até dobrar os atuais 85 mil pontos. Se depender apenas de fatores de mercado, a visão de Marcio Appel, fundador da Adam Capital, é de que o valor justo para o índice seja de 160,6 mil pontos.

O executivo, que é atualmente o maior gestor independente de fundos multimercado no Brasil, tem uma visão otimista para o mercado. Ele diz não acreditar na eleição de um candidato mais radical neste ano, o que favoreceria a estabilidade do mercado. Mas isso, admite, é apenas um palpíte.

### **Investimento em startups brasileiras bate recorde em 2017**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

#### ***Valor aplicado por fundos de venture capital no país subiu 207% no ano passado***



O valor investido em startups brasileiras por fundos de venture capital (capital de risco, que aplicam em companhias novatas) cresceu 207% em 2017 e atingiu o

patamar recorde de US\$ 860 milhões (cerca de R\$ 2,86 bilhões). Em 2016, os investimentos haviam somado US\$ 279 milhões (R\$ 926,3 milhões).

Os dados são de um estudo que está sendo realizado pela Lavca (associação latino-americana de fundos de capital de risco).

Julie Ruvolo, diretora da entidade, aponta que o crescimento ocorreu tanto devido a transações com valores mais altos do que o patamar que o mercado estava habituado como também pelo aumento no número de operações.

No ano passado, fundos de capital de risco investiram em 113 companhias brasileiras, enquanto em 2016 haviam investido em 64.

## **NEGÓCIOS**

Entre os investimentos que ajudaram a impulsionar o mercado estão os US\$ 200 milhões injetados no aplicativo 99 e US\$ 135 milhões na Movile, dona de serviços como iFood e PlayKids.

Neste ano, a primeira foi vendida para a chinesa Didi Chuxing, em negócio que avaliou a brasileira em US\$ 1 bilhão. Em março, a startup de visualização 3D Decora foi vendida por cerca de US\$ 100 milhões.

Ruvolo diz que o avanço no valor dos investimentos é, em grande parte, impulsionado pela entrada de mais fundos estrangeiros na América Latina. Em 2015, 52 fundos apostaram na região. Já em 2017, foram registrados 80 fundos ativos.

Arthur Garutti, sócio da aceleradora de startups ACE (que apoia novos projetos com capital e estrutura), diz acreditar que o aumento do dinheiro dedicado à região é resultado da melhora de qualidade e da maior maturidade dos projetos locais.

Com isso, começaram a surgir os primeiros casos de sucesso, que atraíram novos investidores.

Empreendedores que acumularam patrimônio com suas startups estão se juntando a fundos e injetando mais recursos no mercado, segundo ele.

Garutti diz que o aumento de interesse do mercado por startups é sentido no cotidiano da aceleradora.

Todos os cerca de 20 projetos que receberam investimento da organização em 2017 conseguiram mais capital de outros fundos ou investidores individuais, diz.

Andrea Minardi, professora do Insper, diz que a busca das grandes empresas por mais inovação ajuda a dinamizar o mercado.

Para assimilar novas tecnologias, grandes companhias vêm criando seus fundos de capital de risco e se tornando candidatas a comprar startups no futuro, o que aponta para boas oportunidades para venda de ativos com lucros para os investidores, explica.

Mais capital no mercado pode impulsionar o surgimento de mais empresas de sucesso e, com isso, o ciclo segue se retroalimentando.

Com mais dinheiro disponível, passou a ser possível a empreendedores brasileiros ter projetos mais ambiciosos, diz Ruvolo, da Lavca.

Isso porque eles podem dedicar mais recursos para investir no crescimento de suas companhias (mesmo que tendo prejuízos temporários), em vez de se preocupar com lucratividade no curto prazo para garantir a sobrevivência do negócio.

## **"Empresas podem incentivar mais projetos com miniequipes multigeracionais", diz consultor**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Mais do que fazer com que as diferentes gerações conversem mais, é hora de colocá-las para trabalhar juntas em projetos experimentais, que permitam colocar novas ideias em prática e aprender com os equívocos.

A avaliação é do consultor de recursos humanos americano Jamie Notter, especialista em solução de conflitos e nas relações intergeracionais.

"A organização pode escolher iniciativas pequenas, de baixo custo. Não é preciso mobilizar todo mundo", diz.

Divulgação



O consultor de RH americano Jamie Notter

### **Folha - Quais são as principais queixas dos mais velhos sobre a nova geração?**

**Jamie Notter** - Os veteranos reclamam que os jovens são impacientes e querem responsabilidade sem ter experiência. Não há nada de novo nisso -a cada 20 anos a geração que está na liderança reclama de quem chega.

### **Esses jovens querem espaço sem a hierarquia tradicional?**

De certa forma. A nova geração não está tentando tomar o poder, nem acha que os mais velhos têm de fazer tudo que eles dizem, mas quer participar mais. Para um jovem, abordar um diretor no corredor para conversar, sugerir algo ou tirar uma dúvida seria algo normal. Isso porque a internet deu a eles, desde muito cedo, o poder de buscar informações e discuti-las mais de igual para igual com pais e educadores. Mas, quando reproduzem esse comportamento na empresa, não podem.

### **Muitas empresas têm investido na mentoria reversa para incentivar o contato entre diferentes gerações. Ajuda?**

Acho que sim. A maioria tem colocado os jovens para ensinar os mais velhos sobre tecnologia e mídias sociais. É bom, mas gostaria de ver os veteranos interessados em saber como a nova geração avalia os problemas de gestão da empresa, por exemplo. Claro que não têm todas as respostas, são inexperientes. Por isso, vale ouvir tudo com cautela, mas ver que perspectiva deles pode trazer boas ideias.

### **Como fazer com que os líderes sejam mais receptivos?**

Qualquer gestor entende resultados. Por isso, antes de propor alguma coisa, aconselho ao novato levantar dados, experimentar e aí levar essas conclusões à liderança. Os jovens respondem bem a esses desafios práticos, mais do que apenas discutir ideias.

### **Como negociar melhor e melhorar esse relacionamento?**

Esqueça a questão geracional e priorize a negociação em si. Em geral, as duas partes têm respostas diferentes e uma fica tentando convencer a outra. Vale mais a pena entender como o outro chegou a essa conclusão. Quando nos desapegamos da ideia inicial, pode surgir uma terceira solução muito mais satisfatória.

## **Discordar é parte do processo de criar algo original?**

Sem dúvida. No trabalho, esses jovens esperam pessoas com visões de mundo distintas. Num ambiente assim, discordar é algo natural. Para os mais velhos, se a equipe não concorda, isso é uma falha de gestão. Não que os jovens sejam melhores para resolver conflitos, mas não se surpreendem quando alguém não concorda com o que estão dizendo. Vamos ver como se comportarão quando chegarem à alta gestão.

## **Brasil abre 61,2 mil vagas formais de trabalho em fevereiro**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

### ***Quadro ainda preocupa, mas especialistas começam a ver sinais de melhora no emprego formal***



Carteira de trabalho e previdência social - Gabriel Cabral/Folhapress

Embora o quadro mais amplo ainda preocupe, o Brasil criou 61,2 mil vagas formais de emprego em fevereiro. Os dados são do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) e foram divulgados nesta sexta-feira (23) pelo Ministério do Trabalho.

O resultado veio abaixo do esperado por economistas, que previam algo próximo de 100 mil vagas. No total, foram 1.274.965 admissões e 1.213.777 desligamentos.

Para Thiago Xavier, economista da consultoria Tendências, dada a deterioração rápida dos últimos dois anos, os números de fevereiro mostram que o emprego formal tem dado sinais de melhora, ainda que moderada.

Considerada a série com ajuste — que exclui as particularidades do período —, os dados empolgam bem menos. Por este critério, o saldo líquido de empregos passou de 61,1 mil em janeiro para 13,8 mil em fevereiro, segundo a MCM Consultores.

O nível ainda pequeno de admissões e demissões sinaliza baixo aquecimento do mercado de trabalho, a despeito da retomada em curso.

Segundo a MCM, é possível observar também uma menor expansão dos salários em termos reais. Para a consultoria, os dados de fevereiro sugerem que a recuperação do mercado de trabalho deve ser gradual e errática.

## **SETORES**

Por atividade econômica, o setor de serviços foi aquele que mais contratou no mês passado. Na outra ponta, o comércio foi o destaque negativo do período.

Em serviços, o saldo foi de 65,9 mil postos de trabalho, seguidos pela indústria de transformação, com 17,4 mil postos vagas abertas.

Na ponta oposta, o comércio teve saldo líquido negativo de 25,2 mil postos, seguido pela agropecuária (-3,7 mil postos). A construção civil também não foi bem em fevereiro, com saldo negativo de 3,6 mil postos.

Todas as regiões registraram saldo de emprego positivo, com exceção do Nordeste. A região apresentou saldo negativo de 25,9 mil postos, o que representou uma queda de 0,42% sobre janeiro.

O Sul contratou mais. O saldo foi de 37 mil empregos, ou alta de 0,52% sobre janeiro. No Sudeste, o saldo positivo foi de 35 mil postos, ou alta de 0,18% sobre janeiro. Os estados que mais criaram postos de trabalho foram São Paulo (30 mil), Santa Catarina (16,3 mil vínculos) e Rio Grande do Sul (13 mil empregos).

Quanto ao salário médio real (descontada a inflação) de admissão em fevereiro, a queda foi de 2,2% para um total de R\$ 1.502,68. Já o salário médio de desligamento subiu 1,5% para R\$ 1.662,95.

## **REFORMA TRABALHISTA**

O Ministério do Trabalho divulgou ainda um balanço das vagas criadas no âmbito das novas regras trabalhistas.

Na modalidade trabalho intermitente (por dia ou por hora), foram realizadas 2.660 admissões e 569 desligamentos, gerando um saldo positivo de 2.091 empregos no mês.

Os destaques foram São Paulo (816), Rio (258) e Minas (257); entre os setores, o de serviços (1,2 mil postos), e, entre as ocupações, alimentador de linha de produção, servente de obras e faxineiro.

## **Emprego informal tira força da retomada na economia**

26/03/2018 – Fonte: Bem Paraná

A recuperação do mercado de trabalho puxada pelo emprego informal, sem carteira assinada, não dá segurança para as famílias voltarem a consumir com força e pode comprometer a retomada. Para especialistas, a conclusão se ancora no cruzamento de dados. Em 2017, foram criadas 1,8 milhão de vagas — todas no setor informal. Com carteira, 685 mil vagas foram perdidas.

Também conta a renda média dos sem carteira e de pequenos empreendedores, metade da renda dos formais, já descontada a inflação. "A propensão a consumir de um empregado formal, que tem mais segurança e acesso ao crédito, é maior do que a de um informal", diz Marcelo Gazzano, economista da consultoria AC Pastore.

Estudo da consultoria de Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, busca entender por que projeções de consumo vinham negligenciando esse efeito. A sugestão é que, envolvidos pelo cenário de juros mais baixos e melhora, ainda que incipiente, de salários e crédito, analistas menosprezaram o peso da carteira de trabalho em decisões de consumo — o que também explicaria a trajetória surpreendentemente errática do varejo nos últimos meses.

A equipe de Pastore considera revisar a projeção de crescimento para 2018, ainda em 3%. A expectativa é que fique próxima de 2,5%. "Não dá para dizer: não haverá recuperação econômica pelo consumo.

Ela virá. Mas menos robusta do que se imaginava em razão da profunda alteração no mercado de trabalho", diz Marcelo Gazzano, responsável pelo estudo. Um bom exercício, diz ele, é olhar para o consumo das famílias e para o mercado de trabalho num período maior. O consumo atingiu o pico da série histórica, iniciada em 1996, entre 2011 e 2014.

Nesse momento, a proporção de trabalhadores com carteira assinada na população ocupada também esteve no teto histórico, ao redor de 45%. Em apenas três anos,

esse percentual foi para 42%, mas o consumo não teve o mesmo comportamento, em especial no ano passado. A trajetória positiva do varejo em 2017 tirou as atenções do mercado de trabalho nessa correlação. E a oferta de vagas piorou muito.

No fim de 2011, eram 39,9 milhões de trabalhadores com carteira. No fim de 2017, 38,4 milhões. No mesmo período, o país saiu do pleno emprego para uma situação em que há 12,3 milhões de desempregados, 26,4 milhões de subempregados e 4,4 milhões que desistiram de buscar trabalho. O melhor comportamento do varejo em 2017, avalia-se hoje, pode ter sido provocado pela liberação de R\$ 44 bilhões do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), pois parte foi para compras.

## **ALERTA**

O sinal de alerta veio com o desempenho pífio do consumo das famílias nos últimos três meses do ano. Com 65% do PIB (Produto Interno Bruto), o consumo determina o que ocorre na economia.

Após alta de 1% no segundo e terceiro trimestres de 2017, o consumo quase não se moveu entre outubro e dezembro. No período, as projeções da AC Pastore, pareciam muito otimistas e passaram a se descolar dos dados. A equipe deu, então, um peso maior ao consumo dos formais para explicar vendas mais modestas e as previsões voltaram a aderir à realidade.

## **'Com carteira, a gente sente estabilidade', diz ex-CLT que virou empreendedora**

26/03/2018 – Fonte: Bem Paraná

"Com carteira assinada, a gente sente estabilidade, sabe que, mesmo se for despedido, tem a rescisão", diz Elisa Betty Costa, 45. A comerciante explica de forma clara o que estudos sugerem: a dinâmica do consumo muda na informalidade. Costa atuou por 25 anos no ramo da nutrição, revezando-se entre cozinhas industriais e hospitais. Em março de 2017, deixou o emprego em uma padaria.

Pensou que voltaria logo ao mercado formal de trabalho, o que não ocorreu. Abriu uma pequena confeitaria no fim de 2017. "Cortei gastos e não faço dívida de longo prazo porque a batalha na conquista do cliente é diária. Ou junto dinheiro e compro ou não compro".

Para Thiago Xavier, economista da Tendências Consultoria, a expectativa é que a alta informalidade no mercado de trabalho se mantenha. "Quando se olha o padrão de outras crises, a recuperação da contratação formal demora um pouco mais", diz. Em suas contas, o estoque de empregados deve crescer 2,2 milhões neste ano, mas boa parte disso continuará vindo do mercado informal.

Como exemplo, cita a projeção para o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), o balanço de empregos formais, que deve ficar ao redor de 900 mil.

REAJUSTE MENOR Mesmo em níveis muito diferentes, a renda média real de formais e informais mostrou discreta melhora em 2017, mas neste ano a renda dá sinais de fraqueza inclusive entre os trabalhadores com carteira, o que pode ser mais uma variável a abalar o poder de compra.

Entre os com carteira, o reajuste real dos salários ficou em 0,6%, em fevereiro, ante 0,9% em janeiro e 1% em dezembro, segundo a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisa Econômicas) Xavier, da Tendências, adiciona outro ponto de preocupação: a reforma trabalhista deve elevar as vagas formais de trabalho, mas a qualidade delas pode ser inferior.

A possibilidade de contratação por hora trabalhada reduz o custo do trabalho, com efeito sobre a contratação. "Mas não é uma entrada ideal no mercado de trabalho. O trabalhador pode ter carteira assinada, mas trabalhar uma hora ou duas horas na semana.

Qual a qualidade disso?", questiona Xavier. Para ele, só a reforma trabalhista não garante a qualidade das vagas. A economia precisa crescer, diz. Bruno Ottoni, pesquisador do IBRE (Instituto Brasileiro de Economia) da Fundação Getulio Vargas, pondera que o informal também consome.

Além disso, há trabalhadores sem carteira que não estão em situação precária, como os 'PJ' (pessoa jurídica). A informalidade deve seguir em níveis elevados, seja em razão das incertezas eleitorais seja pelo preço alto do trabalho, avalia Ottoni. Como ficará o consumo nesse cenário é resumido pela confeiteira Elisa Betty Costa. "Sem carteira, a realidade de consumir é outra".

### **Câmbio para fim de 2018 permanece em R\$ 3,30**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

O relatório de mercado Focus, divulgado nesta segunda-feira, 26, pelo Banco Central, não mostrou alteração no cenário para a moeda norte-americana em 2018.

A mediana das expectativas para o câmbio no fim deste ano seguiu em R\$ 3,30 pela oitava semana seguida. Já o câmbio médio no ano seguiu em R\$ 3,28 pela sétima pesquisa consecutiva.

Para 2019, a projeção para o câmbio no fim do ano manteve-se em R\$ 3,39, igual patamar observado quatro pesquisas atrás. Já a expectativa para o câmbio médio no próximo ano subiu um centavo, de R\$ 3,34 para R\$ 3,35.

### **Focus: projeção para Selic no fim de 2018 segue em 6,50% ao ano**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

Apesar da clara indicação do Banco Central de que o juro básico da economia pode cair novamente na reunião de maio do Comitê de Política Monetária (Copom), a pesquisa Focus realizada semanalmente com analistas do mercado financeiro não trouxe mudança na expectativa para o patamar do juro no fim do ano, que continuou em 6,50% – patamar anunciado na semana passada.

Nem mesmo a previsão de Selic média em 2018 foi alterada e permaneceu em 6,53% ao ano, ante 6,75% de quatro pesquisas antes. A única mudança ocorreu no grupo dos analistas consultados que mais acertam as projeções, o chamado Top 5 de médio prazo. Para o grupo, a previsão para a taxa básica no fim do ano caiu de 6,50% para 6,25%.

Entre todos os analistas consultados, a previsão para a taxa Selic no fim de 2019 seguiu em 8% pela décima semana seguida. Já a expectativa de juro médio no próximo ano entre todos os consultados caiu de 7,68% para 7,50%, ante 7,83% de quatro semanas atrás. Entre os analistas do Top 5, a previsão de juro no fim do ano também seguiu em 8,00%.

### **Alta do PIB de 2018 sobe para 2,89% na projeção do Focus**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

O mercado financeiro elevou ligeiramente suas projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2018. A expectativa de alta para o PIB este ano subiu de 2,83% para 2,89% no relatório Focus divulgado nesta segunda-feira, 26. Com essa alta, a expectativa de



crescimento da economia retornou ao patamar visto há quatro semanas. Para 2019, o mercado manteve a previsão de alta do PIB de 3,00% pela oitava semana consecutiva.

No relatório Focus de hoje, a projeção para a produção industrial de 2018 caiu levemente, de 3,98% para alta de 3,97%. Há um mês, estava em 3,76%. No caso de 2019, a estimativa de crescimento da produção industrial seguiu em 3,50% ante 3,35% de quatro semanas antes.

A pesquisa mostrou ainda que a projeção para o indicador que mede a relação entre a dívida líquida do setor público e o PIB para 2018 seguiu em 55,00%. Há um mês, estava em 55,10%. Para 2019, a expectativa recuou levemente, de 57,60% para 57,20% ante 57,70% de um mês atrás.

### **Balança comercial**

Os economistas do mercado financeiro mantiveram a projeção para a balança comercial em 2018 na pesquisa Focus realizada pelo Banco Central. A estimativa de superávit comercial permaneceu em US\$ 55,00 bilhões pela segunda semana seguida.

Um mês atrás, a previsão estava em US\$ 54,29 bilhões. Para 2019, a estimativa de superávit aumentou ligeiramente, de US\$ 45,00 bilhões para US\$ 45,33 bilhões, ante US\$ 45,00 bilhões de um mês antes.

Na estimativa mais recente do BC, atualizada na Nota do Setor Externo divulgada na semana passada, o saldo positivo de 2018 ficará em US\$ 56 bilhões.

No caso da conta corrente, as previsões contidas no Focus para 2018 caíram ligeiramente, de déficit de US\$ 25,75 bilhões para saldo negativo de US\$ 25,65 bilhões, ante US\$ 26,60 bilhões de quatro semanas antes. Para 2019, a projeção de rombo seguiu em US\$ 39,10 bilhões. Um mês atrás, o rombo projetado no próximo ano era de US\$ 38,80 bilhões.

Para os analistas consultados semanalmente pelo BC, o ingresso de Investimento Direto no País (IDP) será mais do que suficiente para cobrir o resultado deficitário, tanto em 2018 quanto em 2019.

A mediana das previsões para o IDP em 2018, porém, caiu e passou de US\$ 80 bilhões para US\$ 77,50 bilhões. Para 2019, a expectativa seguiu em US\$ 80,00 bilhões pela 25ª vez.

### **Rentabilidade maior exigirá apetite a risco**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

Diante da menor taxa de juros Selic da história, 6,5% ao ano, com espaço para ceder ainda mais, segundo sinalização do Banco Central (BC), o investidor mais conservador vai precisar se acostumar com uma pitada de risco em sua carteira.

A Selic no patamar atual faz com que o retorno real dos investimentos, quando descontados da inflação e Imposto de Renda (IR), possa ficar abaixo de 1% ao ano. Como comparação, a caderneta de poupança, que não paga IR, tem hoje retorno de 1,5% ao ano, já descontada a inflação prevista para o período.

Arnaldo Curvello, da Ativa, aconselha os mais conservadores a buscar rentabilidade maior em ativos expostos a outros riscos, como investimentos em outros países ou produtos com mais risco de crédito.

Como medida de proteção, o investidor pode optar pelos produtos garantidos pelo Fundo Garantidos de Crédito (FGC).

## Opções

As recomendações dele para este perfil são debêntures, fundos com estratégias em crédito privado ou ativos ligados ao risco imobiliário, como fundos e letras de crédito imobiliário (LCI), e Letra de Crédito Agrícola (LCA). A grande vantagem desses últimos é a isenção de Imposto de Renda.

## Reforma tributária prometida por Temer não sai do papel

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

### ***Planalto tenta passar uma simplificação do PIS/Cofins que não afete a arrecadação***



Presidente Michel Temer queria passar reforma tributária em paralelo com a da Previdência - REUTERS

Prometida há mais de um ano pelo presidente Michel Temer, a proposta de simplificação tributária não foi concluída, e, se enviada ao Congresso Nacional, corre o risco de não ser aprovada.

Em março de 2017, em discurso no Palácio do Planalto, o presidente havia dito que até junho editaria medidas provisórias para mudar regras tanto do PIS quanto da Cofins.

No mesmo pronunciamento, ele ressaltou que, no segundo semestre, seria a vez de "lidar com o ICMS". O objetivo era tentar pôr fim à guerra fiscal, reduzindo para 4% a alíquota interestadual.

A proposta de simplificação tributária, no entanto, continua no papel. Ela ainda está sendo formulada pelo Ministério da Fazenda, que defende uma reforma por projeto de lei, mas que só cuidará do PIS e da Cofins.

A ideia em discussão no momento é simplificar as regras dos dois tributos, mas sem alterar a carga tributária, para preservar a arrecadação. Em 2016, o PIS representou cerca de 4% da arrecadação federal; a Cofins, 16%.

A ideia inicial do Palácio do Planalto era promover uma reforma tributária em paralelo com a reforma da Previdência, na tentativa de imprimir a marca de um "presidente reformista".

Com dificuldades de conseguir apoio para as mudanças na aposentadoria, o tema foi relegado ao segundo plano, retornando no fim de 2017.

E, como a reforma previdenciária, ele enfrenta também resistências no Congresso, por se tratar de um ano de campanha eleitoral.

Outra proposta da Fazenda é estender para todos os contribuintes a possibilidade de geração de créditos tributários de PIS/Cofins na compra de insumos. Hoje, isso só é possível para uma parcela dos contribuintes, com regras consideradas confusas e que geram contestações judiciais.

Existem cerca de 30 alíquotas para o PIS porque, desde 2002, quando ele sofreu uma reforma, diversos setores pressionaram o governo para recolher menos. A ideia agora é que existam só três alíquotas. Setores que já usufruem de isenção serão mantidos.

O texto, que está sendo concluído pela Fazenda, incorpora decisões judiciais que determinaram a retirada do ICMS e do ISS da base de cálculo do PIS/Cofins. Segundo os técnicos, isso, por si só, levaria à alta das alíquotas.

Nas reuniões de apresentação do projeto feitas pelo secretário da Receita Federal, Jorge Rachid, muitos setores questionaram a elevação das taxas, que hoje variam entre 3,65% e 9,25%.

Para eles, Rachid explicou que alíquotas mais elevadas não significam necessariamente aumento de impostos. Isso porque, em contrapartida, eles desfrutarão dos créditos na compra de insumos.

## **REFORMA**

Em paralelo à proposta de Temer, uma comissão especial na Câmara dos Deputados discute desde 2015 um projeto de reforma tributária.

A última reunião foi realizada em agosto de 2017. Uma minuta da iniciativa foi apresentada pelo deputado Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), mas o relatório não foi votado.

A ideia inicial era de que fosse apresentada uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição), mas a intervenção federal no Rio, cuja previsão é de que seja encerrada em dezembro, frustrou expectativas.

A Constituição proíbe mudanças por meio de emendas enquanto uma intervenção estiver em vigor. Agora, avalia-se a possibilidade de formulação de projetos de leis.

"Ainda temos de fazer costuras no texto, mas acredito que seja possível votar antes do recesso parlamentar", que se inicia em 17 de julho, disse o tucano.

A minuta propõe o fim de impostos como PIS, ICMS, ISS, IOF e Cide. No lugar, seriam criados o IVA (Imposto sobre Valor Agregado) e o Imposto Seletivo, que incidiriam sobre combustíveis, energia, transporte, entre outros.

O Palácio do Planalto não é contra a criação do IVA, mas considera que é necessário fazer uma transição gradual e que não é o momento de implementá-lo.

**Contra o senso comum, essas empresas estão recrutando pessoas de 50 anos ou mais**

26/03/2018 – Fonte: Gazeta do Povo

***Tendência desde o ano passado, setores de recursos humanos abrem seleções específicas para colaborador "sênior", principalmente em áreas que lidam diretamente com o cliente***

O Brasil tem hoje cerca de 17% de pessoas no mercado formal de trabalho com idade entre 50 e 64 anos, segundo dados do Ministério do Trabalho. Mas um novo comportamento das grandes empresas apontam para um crescimento desse número nos próximos anos: a contratação de funcionário "sênior" está começando a fazer parte da rotina dos setores de recursos humanos, inclusive com seleções específicas, semelhantes aos programas de trainees.

Multinacionais, como a companhia de seguro Tokio Marine e a consultoria de recursos humanos PwC, e empresas nacionais, como a companhia aérea Gol, são exemplos de

empresas que resolveram apostar em pessoas com mais de 50 anos a partir do ano passado. Todas elas enxergaram uma oportunidade de mercado, já que a população brasileira está envelhecendo e uma possível Reforma da Previdência deve prolongar o tempo das pessoas no mercado de trabalho.

Comprometimento, experiência, tranquilidade, segurança e confiabilidade ao lidar com o cliente são as principais qualidades desses profissionais que chamaram a atenção dos departamentos de seleção.

“Muitas empresas enfrentam problemas com empregados jovens. Outras precisam de mais velhos porque requerem profissionais com mais jogo de cintura. Por isso, a contratação de pessoas acima dos 50 está se tornando uma tendência no país, mesmo que lentamente”, explica o presidente executivo da Maturijobs, Mórris Litvak.



Ele criou a Maturijobs, que é um negócio social, em 2015, quando percebeu que, por conta da crise, havia muitas pessoas mais velhas com capacitação e sem emprego. Criou uma plataforma em que empresas e profissionais se cadastram e se conectam de acordo com suas necessidades. Hoje, são mais de 60 empregadores que buscam colaboradores mais velhos e 70 mil pessoas cadastradas.

Foi por meio dessa plataforma é que a PwC fez, no ano passado, sua primeira seleção para a contratação específica de pessoas com mais de 50 anos. O programa, chamado Senior Citizens, abriu cinco vagas para a área de consultoria tributária. Foram 50 candidatos inscritos, que passaram por uma seleção de três etapas. Os escolhidos começaram em fevereiro e o resultado do trabalho tem agradado os gestores da empresa.

“A idade média dos nossos funcionários é de 29 anos. Então ter entre nós pessoas mais velhas traz uma maturidade e uma experiência que influenciam os mais novos. Vemos com bons olhos os profissionais assim”, conta a diretora de recursos humanos da PwC Brasil, Erika Braga. Segundo ela, programa deu tão certo que a próxima etapa é expandir esse tipo de seleção para outras áreas da empresa.

### ***Necessidade e disposição explicam aposta dos RHs nos mais velhos***

Estar fora do mercado de trabalho não é incomum no Brasil, especialmente para quem tem mais de 50 anos. Principalmente por conta da crise econômica dos últimos dois anos, muitas pessoas perderem seus postos de trabalho e, pela idade avançada, não se recolocaram. Outras viviam no mercado informal e não estavam conseguindo se sustentar, como no caso do administrador José Gaspar Nogueira, de 52 anos.

Desde os 16 anos, ele trabalha por conta própria tocando alguns negócios ao mesmo tempo. Porém, no ano passado, precisou reforçar a renda familiar e partiu em busca de sua primeira carteira assinada. Como sempre sonhou em trabalhar em uma multinacional, assim que soube da seleção da PwC, não perdeu tempo e se inscreveu.

Foi um dos cinco selecionados e hoje atua como assistente técnico da área tributária.



José Gaspar Nogueira, de 52 anos, viu na PwC a oportunidade de reforçar a renda da família e realizar o sonho de trabalhar numa multinacional. Divulgação

“Passei muito tempo enviando currículos e nunca me chamavam. Sabia que era por conta da idade. Acredito que deu certo na vaga em que estou porque minha bagagem profissional é grande, tenho muita experiência em me readaptar em momentos de crise, de achar novas soluções”, conta.

Gaspar, assim como outras pessoas mais velhas que buscam uma recolocação, tendem a demonstrar muita disposição para o trabalho durante as seleções de emprego, o que é um fator importante para quem está recrutando. Vários querem continuar trabalhando mesmo aposentados ou perto de se aposentar, principalmente por sentirem que ainda são bastante produtivos.

“Muitos têm o propósito de contribuir de fato para o crescimento da empresa, não estão ali necessariamente pela remuneração. Isso os coloca em vantagem em relação aos jovens”, diz Yonder Kou, diretor de desenvolvimento da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH).

### ***Empresas querem incluir os profissionais maduros nas seleções***

Empresas com cultura de inclusão também apostam na contratação de pessoas com mais de 50 anos como forma de diversificar o ambiente de trabalho. A seguradora Tokio Marine investiu nisso no final do ano passado, com o programa “Toque de Vivência”. A ideia era tornar o ambiente mais igualitário, e dar oportunidade a todos de mostrar seu talento, independentemente da idade. Abriram processo de seleção para cinco vagas e receberam mais de dois mil currículos. Em razão da grande demanda, resolveram aumentar duas vagas e contrataram sete profissionais.

A empresa não quer mais fazer seleção específica para profissionais “seniores”, mas sim incluí-los no processo de seleção comum.

“Este ano abriremos 250 vagas para toda a empresa, e vamos considerar os perfis desses profissionais em nosso processo”, explica Juliana Zan, superintendente de Recursos Humanos da Tokio Marine. Hoje, 10% do quadro de funcionários da empresa é composto por pessoas com mais de 50 anos. O funcionário mais velho tem 78.

A Gol é um outro caso de empresa que investiu em funcionários maduros com a ideia de inclusão social. O programa “Braços Abertos para Todos”, que começou em junho do ano passado, quer reposicionar profissionais experientes no mercado de trabalho. A seleção funciona como uma espécie de trainee, com diversas etapas: testes, dinâmica de grupo, entrevistas com gestores de RH.

“O que mais buscamos nesses profissionais é comprometimento, dedicação e amor à profissão. A capacidade de se colocar no lugar do outro é uma atitude forte nesse público e acreditamos que é isso que faz a diferença na qualidade do atendimento”, diz Jean Carlo Nogueira, diretor de Recursos Humanos da Gol.

Dos 15 mil funcionários da companhia aérea, 1.800 têm mais de 50 anos. Desde começou até agora, foram 53 processos seletivos e 54 pessoas contratadas. As vagas

são para os diversos setores da companhia, mas a maior demanda está nas áreas voltadas para o atendimento ao cliente, tanto por telefone quanto pessoalmente.

## Empresas forçam interação entre profissionais jovens e veteranos

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

O conflito entre funcionários de diferentes gerações sempre fez parte da rotina das empresas, mas a popularização de ambientes informais deixou o problema em evidência para os gestores.

Antes, essas diferenças não eram levadas em conta, porque os líderes davam pouca abertura para novatos trazerem ideias. Não mais, de acordo com a doutora em administração e professora da PUC-SP Bete Adami.

"Agora, temos mais democracia nas relações, dentro e fora do trabalho", afirma. Isso não significa que os jovens não tenham medo de propor algo ou fazer comentários em uma reunião.

Ganhar confiança para opinar era a preocupação da designer gráfica Rafaela Konstantyner, 22, que ajudou a criar um grupo de debate sobre as diferenças de gerações na indústria farmacêutica Bayer, onde trabalha.

"Queria falar, mas ficava insegura, com medo de que minha opinião não tivesse valor. Vi que outros jovens sentiam isso", afirma.

No começo, Konstantyner chegou a ouvir no restaurante da empresa comentários de altos gestores sobre "aqueles estagiários que estavam se achando".

Hoje, o grupo já tem 19 pessoas, de 20 a 60 anos. E ela aposta que esse número vai crescer mais.

"É útil, porque quando os mais novos trazem uma ideia, os veteranos sabem como executá-la", afirma.

Bruno Santos/Folhapress



A designer gráfica Rafaela Konstantyner (centro), debate diferenças geracionais na empresa

### **PROFESSOR ESTAGIÁRIO**

Para as organizações, a alternativa tem sido investir em projetos que investigam as causas dos conflitos e em programas de "mentoria reversa", nos quais um profissional mais jovem é escalado para ensinar o mais velho em questões como inovação e plataformas digitais.

A partir daí, cria-se um canal de comunicação com profissionais aos quais o jovem nem teria acesso.

Essa proximidade seria o jeito mais simples de incentivar a interação entre pessoas que circulam por diferentes pontos da hierarquia e incentivar trocas que podem render boas ideias.

Para Graziela Moreno, diretora da plataforma HSM, de treinamento de lideranças, é vital que se crie uma relação de confiança entre as partes para que o plano dê certo. "Algumas empresas já têm feito isso também no dia a dia, eliminando as salas de diretores e estimulando feedbacks constantes", explica.

O modelo veio das startups do Vale do Silício e vem ganhando espaço há alguns anos até em segmentos tradicionais, como auditoria ou mercado financeiro.

O banco Santander é um dos que apostam em escritórios mais abertos para flexibilizar as interações.

Para Cassius Schymura, 53, diretor de uma das áreas de marketing digital da empresa, a ideia é remover formalidades desnecessárias.

"Sempre há risco ao mudar a cultura corporativa, mas, de forma bem pragmática, os resultados da equipe têm sido melhores", afirma.

Uma das iniciativas foi abolir as salas de reunião para "criar um ambiente em que as pessoas falem mais".

Bruno Santos/Folhapress



A publicitária Barbara Abrantes e o diretor Cassius Schymura

A publicitária Barbara Abrantes, 21, que trabalha na equipe de Schymura, venceu o medo de dar opiniões na frente de toda a equipe quando começou a se preparar antes das conversas.

"Vi que, para ganhar o respeito dos colegas, precisava trazer dados que dessem credibilidade ao que propunha. Foi assim que criei confiança para trazer novidades."

Reduzir os conflitos de geração permite decisões mais rápidas, segundo Josué Bressane, sócio-diretor da consultoria de RH Falconi Gente.

"Antes, você precisava provar muita coisa para ganhar a confiança dos outros. Hoje, se você não der espaço para que esse jovem possa criar, ele vai embora", diz.

Para Jamie Notter, consultor americano da área de RH também vale investir em projetos experimentais de menor porte que coloquem jovens e veteranos frente a frente.

"A organização pode escolher iniciativas pequenas, de baixo custo. O importante é mostrar os resultados e permitir que as equipes experimentem e cometam erros. Mas não é preciso mobilizar toda a empresa para isso."

\*

**25%**

da geração nascida entre 1982 e 1995 quer ficar no emprego entre dois e quatro anos

**27%**

deles se sentem seguros para assumir cargo de liderança

## Volkswagen completa 65 anos no Brasil e confirma lançamento de utilitários

26/03/2018 – Fonte: Bem Paraná

A Volkswagen começa a vender em abril a nova geração do utilitário esportivo Tiguan. O anúncio foi feito nesta sexta (23) durante cerimônia em comemoração dos 65 anos de produção nacional. O evento ocorreu na fábrica de Anchieta, em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo).

O novo modelo é produzido no México e será vendido em versões de cinco ou sete lugares. Haverá motores 1.4 e 2.0, ambos turbinados. A montadora ainda não divulga os preços, que deverão ficar na mesma faixa dos concorrentes Chevrolet Equinox (a partir de R\$ 137,5 mil), Peugeot 3008 (R\$ 146 mil) e Honda CR-V (R\$ 180 mil).

O presidente da Volkswagen América do Sul, Pablo de Si, confirmou que outros três utilitários esportivos serão lançados no Brasil até 2020. Entre os modelos está o SUV compacto T-Cross, que deve ser apresentado no Salão do Automóvel de São Paulo, em novembro.

PRIMEIRO, O FUSCA A produção nacional da Volkswagen teve início em 23 de março de 1953, em um galpão alugado no bairro do Ipiranga, zona sul de São Paulo. Na época, 12 operários montavam o Fusca, que se chamava Sedan 1200.

A fábrica de Anchieta foi inaugurada em 18 de novembro de 1959. Desde então foram produzidos 23 milhões de veículos da marca no país. Após um período de perda de participação no mercado, a montadora alemã começa a recuperar espaço com a atualização de produtos. Os mais recentes lançamentos nacionais são o hatch Polo e o sedã Virtus.

## Pela 1ª vez Grupo BMW supera 100 mil carros elétricos vendidos em um ano

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business



Companhia projeta investimento de € 7 bilhões só este ano como parte do plano para lançar 25 elétricos até 2025

Pela primeira vez o **Grupo BMW** superou a marca de 100 mil **carros elétricos** vendidos em apenas um ano. Em sua conferência para apresentar o balanço do ano passado, a empresa disse que aumentará os investimentos em pesquisa e desenvolvimento para o valor recorde de € 7 bilhões só neste ano (equivalentes a US\$ 8,6 bilhões), a fim de sustentar parte da sua estratégia em lançar 25 modelos eletrificados até 2025. Este custo deve representar algo como 6,5% a 7% da receita.

No ano passado, os gastos com o desenvolvimento de elétricos e autônomos elevaram em € 1 bilhão os custos de P&D, que no total chegaram a € 6,1 bilhões.

“O investimento crescerá mais um ano na faixa de três dígitos com relação ao ano anterior, principalmente pela iniciativa do novo modelo em andamento, bem como pelo trabalho contínuo em mobilidade elétrica e direção autônoma”, informa a BMW



no comunicado. Nos próximos dois anos, a companhia disse esperar que esse índice de P&D fique acima do seu objetivo, que é de 5% a 5,5%.

A BMW disse que em 2017 houve aumento de 5,3% no lucro operacional devido à crescente demanda por SUVs com alta margem (maior valor agregado), ajudando a compensar os gastos mais altos com pesquisa. A expectativa é que as vendas de carros de luxo continuem subindo, o que vai contribuir diretamente para o resultado projetado para o este ano.

“No segmento automotivo, esperamos atingir novo recorde em 2018. Enquanto as condições permanecerem estáveis, devemos ver um leve aumento das entregas em particular na China e nos Estados Unidos”, afirmou o CFO do Grupo BMW, Nicolas Peter, em comunicado.

Em seu relatório anual, a empresa alertou também ainda sobre um possível impacto das barreiras comerciais e direitos alfandegários antidumping nos Estados Unidos, além de mencionar que o Brexit poderia ter um efeito adverso a longo prazo.

Por outro lado, a BMW destacou que além da venda dos 100 mil veículos em um único ano, também alcançou importante avanço no fornecimento de energia: 100% da eletricidade adquirida pela companhia na Europa em 2017 veio de fontes renováveis.

## **VW completa 65 anos no Brasil e estuda contratar na Anchieta**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business



### **Montadora apresentou o novo Tiguan durante a cerimônia de 65 anos na fábrica da Anchieta**

Companhia opera no topo da capacidade na planta e prepara unidade paranaense para fazer T-Cross

A **Volkswagen** comemorou 65 anos de história no Brasil na sexta-feira, 23, em evento na fábrica da Anchieta, no ABC paulista, a primeira fábrica da companhia no Brasil, que marcou a estreia da montadora fora da Alemanha. Ao longo das mais de seis décadas, foram feitos ali 23 milhões de veículos, A festa foi animada não só por causa da data, mas pela aceleração dos negócios nos últimos meses com os bons resultados do Polo e do Virtus no mercado.

Os modelos puxaram o ritmo de produção da planta, que está perto do topo de seu capacidade. “Estamos fazendo 1.036 carros por dia em três turnos e temos potencial para 1.100 unidades/dia”, conta Pablo Di Si, CEO da empresa na América do Sul.

O executivo estuda como resolver o bem-vindo problema, que acontece logo após longo período de ociosidade provocado pela crise nas vendas de veículos - quando milhares de funcionários trabalhavam com jornada reduzida ou tiveram suspensão temporária de seus contratos.

Segundo ele, há três caminhos para solucionar a situação. O primeiro e mais imediato é contratar novos funcionários. Outra opção, de médio prazo, é trabalhar para elevar a produtividade da operação. O terceiro caminho, de longo prazo, é investir para ampliar a capacidade produtiva. “As três possibilidades estão em estudo. Não há nada

definido, mas pode ser que a decisão seja por contratar trabalhadores nos próximos meses”, sinaliza.

## **VW QUER A LIDERANÇA DE VOLTA**

Se depender das ambições de Di Si, investir para ampliar o potencial produtivo logo após a pior crise já enfrentada pela indústria nacional soa razoável. Isso porque a companhia pretende recuperar a liderança de mercado perdida nos últimos anos após o Gol liderar o ranking de vendas por quase três décadas consecutivas. Pelo menos por enquanto a empresa tem alcançado a meta.

O dirigente conta que até a sexta-feira, 23, o volume da marca já era 43% superior ao dos primeiros quatro meses do ano passado. Enquanto isso, o mercado avançou 22%. A alta garante à fabricante o segundo lugar em vendas, com 15% de market share, atrás apenas da General Motors. Di Si não pretende manter esta posição por muito tempo:

“Queremos a liderança no médio prazo”, diz. Por médio prazo entenda-se: “bem menos do que dois anos”, ambiciona, evitando dar muitos detalhes. Além do crescimento das vendas internas, as exportações também vão bem: a empresa quer encerrar 2018 com 180 mil carros brasileiros negociados em outros mercados.

## **FÁBRICA DO PARANÁ PREPARA PRODUÇÃO DO T-CROSS**

A estratégia de crescimento da Volkswagen inclui plano de investimento de R\$ 7 bilhões para lançar 20 produtos no Brasil. Depois do Polo e do Virtus foi a vez da Amarok V6 Highline e, em abril, chega o novo Tiguan, importado do México com opções de 5 ou 7 lugares. O modelo foi apresentado durante a cerimônia de 65 anos da montadora.

A gama de SUVs da companhia vai crescer ainda com o T-Cross, fabricado na planta de São José dos Pinhais (PR). Di Si afirma que o modelo chegará ao mercado apenas em janeiro de 2019. O prazo parece um tanto longo, já que a empresa até mesmo interrompeu a produção da fábrica entre 16 de março e 1º de maio para adaptar a linha de montagem para o novo carro. A expectativa era de que o modelo chegaria ainda no segundo semestre deste ano.

Enquanto a unidade da Anchieta opera em três turnos, perto do máximo de sua capacidade, a planta do Paraná segue afetada por layoff, a suspensão temporária dos contratos de trabalho. Ali são feitos os produtos da família Fox e ainda o Golf. Com a chegada do T-Cross, Di Si espera equilibrar o ritmo na unidade e garantir nível mais alto de ocupação.

## **Pilkington abre rede de serviços de vidros automotivos no Brasil**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business

### **Primeira fase do projeto já conta com seis lojas e outras unidades serão abertas ainda em 2018**

A fabricante e fornecedora de **vidros automotivos Pilkington**, que pertence à Nippon Sheet Glass (NSG), da holding japonesa Sumitomo Mitsui, está ampliando sua estratégia de atuação no Brasil com uma nova rede de serviços de reposição de vidros automotivos no Brasil. O projeto, que teve início em 2017, com a inauguração de três lojas, todas na capital paulista.

Neste ano, a empresa abriu mais três unidades, em Salvador (BA), Recife (PE) e em Fortaleza (CE). Pelos planos da empresa, essa primeira fase de implementação da rede deve ser concluída ainda em 2018 com a abertura de mais estabelecimentos em capitais e cidades com maior concentração de frotas.

As primeiras unidades exclusivas da Pilkington foram inauguradas com parceiros: nas lojas do Nordeste, a empresa elegeu a Vidroca e nas lojas paulistas, foram a Guglass (Zona Leste) e a Glasmotor (Zona Oeste e Zona Sul).

Segundo o diretor geral para América Latina, André Carbonés, as lojas foram criadas com padrão diferenciado e de elevado padrão. Para manter a rede, a empresa criou um centro de treinamento, o Pilkington Academy, na sua sede em Caçapava (SP), além da reformulação de novos departamentos, como SAC e qualidade.

“O investimento nas lojas é uma pequena parcela deste investimento estrutural, dando origem a uma estrutura diferenciada com o objetivo de fortalecer a marca e impor um novo padrão de serviço no mercado”, afirma. Ele estima que no longo prazo, esta linha de negócios contribua com 30% do faturamento do atual da empresa para o mercado de reposição.

Além da expansão da marca por meio da abertura de lojas exclusivas, a Pilkington conta com mais de 1,5 mil clientes lojistas pelo País. De acordo com Carbonés, eles se mantêm entre as prioridades da empresa.

“Para estarmos ainda mais próximos deles e com o mesmo comprometimento de sempre, agilizamos nosso atendimento com a abertura de novos centros de distribuição”, destaca.

Atualmente a Pilkington detém 13 unidades de distribuição e sete plantas automotivas no Brasil: duas em Caçapava (SP), duas em Camaçari (BA), uma em Betim (MG), São José dos Pinhais (PR) e Sorocaba (SP). O complexo industrial de Caçapava está entre os cinco maiores que a empresa tem em todo o mundo.

### **Denatran suspende resolução que regulamenta placas padrão Mercosul**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business

#### **Suspensão vale por 60 dias e é prorrogável por mais 60; novo modelo passaria a valer a partir de setembro**

O **Denatran**, Departamento Nacional de Trânsito, anunciou a suspensão, pelo prazo de 60 dias, da Resolução nº 729 do Contran (Conselho Nacional de Trânsito) publicada no último dia 8 de março e que regulamenta a **placa** de identificação veicular no Brasil para o **padrão Mercosul**.

Ela seria implementada em setembro deste ano primeiro em veículos novos (leia [aqui](#)). Conforme publicado no Diário Oficial da União da sexta-feira, 23, a suspensão passa a valer a partir desta data com vigência de 60 dias e prorrogável pelo mesmo prazo, mas pode ser antecipada.

Segundo o diretor do Denatran, Maurício Alves, o cronograma foi suspenso atendendo a pedidos das empresas que estampam as placas, no entanto, ele não diz quais são essas reivindicações.

“Atendendo ao apelo da categoria de estampados, e para preservar o emprego, resolvemos criar um grupo de trabalho especificamente para analisar as reivindicações e dar a segurança jurídica para que possamos adequar e de forma expressa estar no texto as garantias de trabalho desses profissionais para que não exista em nenhum Estado da Federação nenhuma interpretação que possa prejudicar o trabalho da categoria”, disse Alves em um vídeo publicado pelo Ministério das Cidades.

De acordo com o órgão, este grupo de trabalho irá estudar as regras da resolução. Caso chegue a uma conclusão antes de 60 dias, a suspensão pode ser derrubada

antecipadamente. Por outro lado, ela também pode ser prorrogada por mais 2 meses, se o grupo achar necessário.

Anunciadas em dezembro de 2014, as placas do padrão Mercosul já são utilizadas na Argentina e no Uruguai, e deveriam ter entrado em vigor no Brasil em janeiro de 2016, mas o prazo já foi adiado duas vezes.

### **FCA abre 3º turno em Pernambuco e Temer prorroga incentivo ao Nordeste**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business



#### **Fábrica contrata mais 1,5 mil e terá isenções de impostos até 2025**

O Polo Automotivo Jeep da **FCA** (Fiat Chrysler Automobiles) em **Goiana (PE)** passa **a trabalhar em três turnos** a partir deste mês, com a contratação de mais 1,5 mil empregados que se juntam aos 12,1 mil que já trabalhavam na planta. Com isso, a fábrica passa a operar em capacidade total de 250 mil unidades/ano – no ano passado, em dois turnos, foram produzidos 179 mil, sendo 35 mil deles (19,5%) exportados.

O aumento das exportações e o bom desempenho de vendas dos modelos Jeep Renegade e Compass e Fiat Toro fabricados em Pernambuco determinaram a ampliação da produção na unidade.

O anúncio foi feito na sexta-feira, 23, por Sergio Marchionne, CEO da FCA, e pelo presidente da empresa para a América Latina, Stefan Ketter – que na mesma data transferiu o cargo para Antonio Filosa (leia [aqui](#)).

Uma cerimônia repleta de políticos e ministros foi montada na planta para a divulgação da ampliação da operação, incluindo os titulares da Fazenda, Indústria (MDIC) e o mandatário da República de plantão, Michel Temer, que aproveitaram o palanque para fazer proselitismo das "conquistas econômicas" de seu governo de exceção.

Para agradar a plateia local, Temer anunciou a extensão por mais cinco anos, até 2025, do Regime Automotivo do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que entre outros incentivos fiscais para montadoras instaladas nessas regiões garante desconto de IPI equivalente ao valor da arrecadação do PIS/Cofins.

Dessa forma, desviou-se o foco de dar qualquer satisfação sobre o programa de desenvolvimento do setor automotivo, o Rota 2030, que há um ano vem sendo discutido sem definição, devido ao desacordo da Fazenda em conceder qualquer tipo de isenção tributária ao setor.

"Marcos Jorge (ministro interino do MDIC) é um forte defensor da indústria, e continua batalhando", limitou-se a dizer em seu discurso o titular da Fazenda, Henrique Meirelles, em alusão ao desentendimento entre os dois ministérios que interditou o Rota 2030.

O Regime Automotivo do Norte, Nordeste e Centro-Oeste foi criado nos anos 90 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, com duração inicial até 2010, com o objetivo

de criar focos de desenvolvimento regional, ao incentivar fabricantes de veículos a migrar para fora dos polos industriais tradicionais do Sudeste.

Foi aproveitado inicialmente pela HPE (montadora de veículos Mitsubishi e Suzuki) em Catalão (GO), pela Ford em Camaçari (BA) e Caoa-Hyundai em Anápolis (GO) – que em tese também serão beneficiadas pela extensão do programa.

Em 2009 o regime foi estendido até 2020 pela gestão do presidente Lula, que no fim de 2010 promoveu outra modificação na legislação para acomodar a entrada da Fiat e seu projeto de fábrica em Pernambuco, mais tarde transformado no Polo Jeep.



**Do Primeiro Gol flex (acima) aos dias atuais a VW produziu 6,7 milhões de veículos bicompostíveis.**

### Carro flex chega aos 15 anos com 30,5 milhões de unidades

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business

#### **Volkswagen abriu a porteira em 24 de março de 2003 com ajuda da Marelli**

Há **15 anos**, em 24 de março de 2003, a Volkswagen do Brasil apresentava o **carro flex**, que pela primeira vez possibilitava o abastecimento com etanol, gasolina ou a mistura dos dois em qualquer proporção.

Era um Gol com motor AP 1.6 que produzia 97 cavalos com gasolina e 99 cv com álcool. O lançamento coincidiu com a comemoração dos 50 anos da VW do Brasil, agora com 65 (veja **aqui**).

A soma de todos os automóveis e comerciais leves bicompostíveis nacionais e importados emplacados até os dias atuais já passa de 30,5 milhões. Somente da montadora de origem alemã foram 6,7 milhões de unidades. “O sistema flex se tornou parte integrante da vida dos brasileiros”, afirma o presidente e CEO da VW para a América do Sul e Brasil, Pablo Di Si.

A VW dividiu o mérito daquele Gol com a Magneti Marelli, com a qual desenvolveu o primeiro sistema flexível em combustível.

A tecnologia que se tornou comum nos dias atuais representava bem mais que a simples liberdade de escolha na hora de abastecer naquele começo da década passada. O sistema pôs fim à dificuldade enfrentada nos anos 1980 e 1990 pelos consumidores de carros movidos exclusivamente a álcool, como falta do produto nas bombas e grandes variações de preço para cima.

Também em 2003, no mês de outubro, a Volkswagen lançou no Fox o primeiro motor 1.0 flex. Nos anos iniciais o sistema bicompostível enfrentou críticas pelo fato de os motores não alcançarem a mesma eficiência que seus equivalentes movidos exclusivamente a gasolina ou a etanol, mas o aprimoramento tecnológico atenuou o problema.



**Em sentido horário, a partir do alto: em outubro de 2003 a VW lançou no Fox o primeiro motor 1.0 flex. Nissan Tiida foi primeiro importado mexicano com a tecnologia e o Soul, o primeiro da Kia.**

No ano de lançamento, os modelos flex representaram 3,6% dos automóveis e comerciais leves emplacados no Brasil. Cinco anos depois a participação já passava a 87,2%. Passados dez anos, atingiu 88,5% das vendas totais, praticamente o mesmo nível registrado em 2017 (88,6%). Só não se aproxima mais dos 100% por causa da importância que o diesel tem entre os comerciais leves.

## **AVANÇOS DO FLEX**

Para lançar o primeiro flex de 2003 foi preciso algo mais do que desenvolver um software e sensores capazes de identificar e quantificar a mistura entre álcool e gasolina. Naquele Gol, a Volkswagen eliminou o distribuidor do velho motor AP 1.6, utilizou velas exclusivas, injetores de combustível com maior vazão, novas válvulas e sedes de válvula com material anticorrosivo, entre outras mudanças. O sistema de partida a frio usava o pequeno reservatório ou subtanque de gasolina herdado dos carros a álcool.

Em 2009 a VW lançou o Polo E-Flex, primeiro carro bicomcombustível sem esse tanquinho. A Bosch forneceu o sistema pioneiro, capaz de aquecer o etanol nos bicos injetores antes da partida. Hoje a Magneti Marelli também fornece a tecnologia. Em 2009 começava também a venda da primeira moto bicomcombustível, a Titan Mix. Nesses nove anos, Honda e Yamaha juntas venderam mais de 6 milhões de motocicletas bicomcombustíveis.

Em abril de 2009 a Nissan lançou o Tiida flex, primeiro modelo importado do México a adotar motor bicomcombustível. Meses depois o Nissan Sentra também passou a vir de lá com a tecnologia. Em 2011 a Kia começava a trazer o Soul flex, primeiro da marca com motor bicomcombustível.

Hoje o sistema flex está presente até em motores com turbo e injeção direta de carros montados no Brasil, como os Audi A3 Sedan e Q3, BMW Série 3 e X1, Mercedes Classe C e GLA, Volkswagen Up!, Golf e Polo. Nesta semana a Toyota mostrou detalhes do primeiro híbrido flex, que já roda em testes no Brasil (veja **aqui**).

Também é importante recordar o esforço da Nissan. A partir do uso de etanol a montadora desenvolve o e-Bio Fuel-Cell, veículo movido por Célula de Combustível de Óxido Sólido (SOFC). Ele funciona com energia elétrica gerada a partir do etanol.

Em vez de um sistema de célula de combustível convencional, que converte hidrogênio armazenado sob alta pressão em eletricidade, a tecnologia produz o próprio hidrogênio a partir do etanol. A minivan elétrica NV200 adaptada ao sistema teria autonomia superior a 600 quilômetros com apenas 30 litros de combustível. Segundo a Nissan, estaria disponível a partir de 2020 se houvesse incentivos fiscais.

O futuro da tecnologia flex se apoia no fato de que a cana-de-açúcar utilizada para a produção de etanol captura gás carbônico (CO<sub>2</sub>) quando cresce, compensando as emissões desse mesmo gás pelos motores em funcionamento.

“O uso intensivo do etanol nos veículos flex evitou a emissão de mais de 450 milhões de toneladas de gás carbônico (CO<sub>2</sub>), principal causador do aquecimento global e mudanças climáticas”, recorda Alfred Szwarc, consultor de emissões e tecnologia da União Nacional da Cana de Açúcar (Unica). “A emissão evitada é suficiente para neutralizar a emissão anual combinada de CO<sub>2</sub> da Argentina, Chile e Colômbia”, ressalta.

Na Conferência do Clima de Paris, a COP 21, o Brasil se comprometeu a reduzir suas emissões de CO<sub>2</sub> em 43% até 2030 em relação aos níveis de 2005. Para isso terá de elevar a participação do biocombustível na matriz energética veicular dos atuais 30% para 50%, o que significaria ampliar a produção dos atuais 28 bilhões de litros/ano para 50 bilhões.

## **SOLUÇÃO MUNDIAL BEM-SUCEDIDA**

**Automotive Business** ouviu também Antonio Megale, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Ele acredita que a tecnologia ainda vai conviver ao lado de outras por um bom tempo.

**Automotive Business - As indústrias instaladas no Brasil devem canalizar mais esforços em veículos eletrificados nos próximos anos ou ainda vão pesquisar melhorias na tecnologia flex e no rendimento com etanol?**

**Antonio Megale** - Há uma tendência mundial para redução dos gases de efeito estufa e a indústria automobilística está atenta ao tema. Lembramos, contudo, que não há apenas um caminho a ser seguido. Por isso acredito que as várias tecnologias andarão em paralelo por um bom tempo ainda, incluindo o motor a combustão, que tende a ser abastecido com biocombustíveis. Temos no etanol um grande potencial para o Brasil, pois é um combustível que conhecemos e com infraestrutura de abastecimento já instalada, além de ser hoje a solução mundial mais bem-sucedida de propulsão limpa.

**AB - Isso deve ocorrer com ou sem o programa Rota 2030?**

**Megale** - A indústria automobilística já investe de forma contínua em engenharia, pesquisa e desenvolvimento tanto no Brasil quanto no mundo todo. O Rota 2030 aumentará a chance de desenvolver ainda mais nossas potencialidades, como o etanol, e de inserir o País como protagonista global na criação de tecnologias. Sem o programa há a possibilidade de deixarmos esse potencial de criação para outros países, com efeitos negativos na atração de investimentos e geração de conhecimento. Certamente não é isso o que queremos.

**AB - O senhor acredita que a utilização de motores flex no Brasil vai crescer também entre os veículos importados não só da América Latina, mas também da Europa e Ásia?**

**Megale** - A decisão de trazer veículos da Europa ou Ásia já com motores flex é uma estratégia de cada empresa. Isso já ocorreu no passado e ainda acontece atualmente, pois boa parte dos consumidores brasileiros demanda essa tecnologia.

Além disso, o etanol é cada vez mais reconhecido internacionalmente, tanto é que vários países, como China e Estados Unidos, já começam a ampliar sua utilização como forma de diversificar a matriz energética, com potencial efeito na emissão de poluentes.

## **NGK anuncia investimento de R\$ 210 milhões em sua fábrica no Brasil**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business

### **Aporte será aplicado no complexo de Mogi das Cruzes até 2020 para ampliação e aumento da capacidade**

A **NGK**, que produz componentes automotivos, como velas de ignição, sensores, cerâmicas e revestimentos porcelanizados, anuncia **investimento** de R\$ 210 milhões para a ampliação e modernização de sua **fábrica** em Mogi das Cruzes (SP). Em comunicado divulgado na sexta-feira, 23, a empresa informa que mais da metade do aporte deve ser aplicado ainda este ano. Todo o investimento, baseado em recursos próprios, está previsto para ser concluído até 2020 visando, além da atualização da fábrica, o aumento de sua capacidade.

Pelos planos, R\$ 87 milhões serão direcionados para aumentar a capacidade de produção de isoladores em 30%. O projeto contempla a construção de novos prédios, aquisição de equipamentos, treinamento e contratações. A unidade ganhará 3,8 mil metros quadrados a mais de área construída.

“As operações da NGK no Brasil completam 59 anos em 2018. Nestas quase seis décadas de história, nos consolidamos como um dos principais fornecedores da indústria automotiva do País, tanto no fornecimento de peças originais, quanto para o mercado de reposição. Este investimento reforça a nossa presença no Brasil e a nossa posição global como subsidiária da companhia.

Mais uma vez vamos contribuir para o fortalecimento da indústria nacional e para o desenvolvimento da região de Mogi das Cruzes”, afirmou o presidente da NGK no Brasil, Hiroyuki Tanabe, na sexta-feira, 23, durante o anúncio do investimento em evento na fábrica para autoridades locais.

Durante o processo de aplicação do investimento e modernização da fábrica, a companhia calcula a geração de 200 postos de trabalho diretos e indiretos, considerando desde a construção dos novos prédios até o funcionamento da produção. Com essa ampliação, a NGK ampliará ainda sua representatividade nas exportações e passará a fornecer para outros países das Américas, Europa e África do Sul. A empresa não detalhou qual volume de exportação projeta para os próximos anos.

## **FCA troca comando na América Latina: sai Ketter, entra Filosa**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business



**Filosa está há 18 anos na empresa, 12 deles trabalhando entre Brasil e Argentina.**

Executivo volta à Europa após promover transformação industrial no Brasil e Argentina

O italiano Antonio Filosa foi nomeado presidente da FCA (Fiat Chrysler Automobiles) América Latina nesta sexta-feira, 23. Ele entra no lugar de Stefan Ketter, que após quase seis anos à frente da transformação industrial da empresa no Brasil e Argentina,



volta à Europa na sua função original, vice-presidente global de manufatura do grupo – cargo que acumulava e já ocupava antes de vir ao País em 2012, quando veio para coordenar a construção da fábrica de Goiana (PE) e em 2015, mesmo ano da inauguração da planta, foi escolhido para substituir Cledorvino Belini no comando da região.

Filosa está há 18 anos na empresa, 12 deles trabalhando entre Brasil e Argentina, primeiro no Grupo Fiat, que se transformou em FCA a partir de 2014. O executivo ocupava a direção geral da FCA Argentina e das marcas Alfa Romeo e Maserati na América Latina.

Até recentemente ele também acumulava a função de diretor de compras para a região. Filosa também dirigiu a manufatura de Betim (MG), quando a fábrica mineira alcançou seu ápice de 3 mil veículos produzidos por dia. Como chefe das operações latino-americanas, agora ele ganha assento no conselho executivo mundial da companhia, o GEC, Group Executive Council.

Ketter agora volta as suas funções originais em momento que a FCA se prepara para executar importantes mudanças na direção global, o que deve ocorrer na reunião do conselho em junho, quando se espera o anúncio do substituto do atual CEO Sergio Marchionne.

## **Scania quer reduzir pela metade a emissão de CO2 até 2025**

26/03/2018 – Fonte: Automotive Business



Meta vale para todas as fábricas no mundo e para a logística de transporte entre Europa e América Latina

A **Scania** acaba de estabelecer suas duas metas globais a serem atingidas até 2025: reduzir pela metade a **emissão de CO2** em suas fábricas espalhadas pelo mundo e os mesmos 50% em sua operação logística de transporte terrestre entre a Europa e a América Latina.

Na primeira, a ideia é atingir os novos níveis a partir do aprimoramento ainda maior de seus processos produtivos melhorando a eficiência energética e convertendo sua geração atual para fontes renováveis.

As metas convergem para o compromisso assumido em 2017 pela montadora de caminhões e ônibus que prevê mudar seus processos para eletricidade e meios livres de combustíveis fósseis até 2020. As medidas também visam o cumprimento das metas do Acordo Climático de Paris e seu compromisso com um sistema de transporte sustentável

“Temos uma visão de longo prazo para implantar operações de carbono zero. Para alcançar nosso objetivo, estamos nos desafiando a reduzir as emissões de CO<sup>2</sup> em 50% em todas as nossas operações globais até 2025”, reforça o vice-presidente executivo de produção e logística, Ruthger de Vries.

Em 2017, a empresa alcançou novos recordes e atribui este bom desempenho ao amplo portfólio, incluindo veículos movidos a combustíveis alternativos, com motores

compatíveis com GNV, etanol e biometano, que são capazes de reduzir em até 90% as emissões de CO<sup>2</sup> no transporte.

"Conversamos diariamente com nossos clientes sobre as alternativas mais sustentáveis para suas atribuições no transporte. Nossas próprias operações logísticas são, em muitos aspectos, um laboratório onde testamos novas ideias e desenvolvemos nossas capacidades. Como um grande comprador de transportes, temos que nos esforçar para ser uma referência, para isso nos comprometemos a reduzir significativamente nossa pegada de emissões", diz de Vries.

Segundo o presidente e CEO da Scania, Henrik Henriksson, "o mundo está cada vez mais próximo deste ponto inevitável no tempo, quando as soluções de transporte sustentável se tornam a única opção viável e surge um 'novo normal'. Na Scania continuamos intensificando nossos esforços na liderança para um sistema de transportes sustentável".

### **Negociação de carro fora de linha pode incluir equipamentos extras e desconto**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Tal como ocorre com produtos eletrônicos, a atualização dos carros zero quilômetro está cada vez mais rápida e, quase sempre, atrelada a aumento de preços.

Comprar um modelo que está para sofrer reestilização, ganhar nova geração ou sair de linha pode ser um bom negócio, desde que haja um desconto considerável.

"Em geral, a desvalorização de um carro é de 10% no primeiro ano de uso. Esse é o mínimo de desconto que o comprador deve tentar obter", afirma Antônio Jorge Martins, coordenador do MBA em Gestão Estratégica de Empresas da Cadeia Automotiva da FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Outro caminho é o da negociação de equipamentos adicionais, condições de pagamento, exclusão de gastos como o de documentação e até a compra de uma versão com motor mais potente pelo preço da mais fraca.

"Não é interessante para os concessionários ficar com o carro da linha antiga em estoque. Por isso, eles costumam oferecer alguns 'recheios', como roda de liga leve, sensor de estacionamento ou multimídia para modelos populares", afirma Milad Kalume Neto, gerente de desenvolvimento de negócios da consultoria Jato Dynamics. O engenheiro Flavio Soares, 31, ficou satisfeito com a transação feita por seu Volkswagen Up não reestilizado.

"Comprei no início de 2017. Sabia que ele mudaria, então negocie bastante. Comprei a versão move Up com motor turbo por R\$ 42 mil, valor abaixo do que era cobrado pela versão com motor aspirado. Minha economia foi de quase R\$ 11 mil", diz.

Para Kalume Neto, mesmo se o desconto não for tão elevado –e se o consumidor não fizer questão de ostentar um produto atual–, ainda há vantagens no negócio. "O seguro é sempre baseado no ano-modelo, assim como o IPVA. O carro desatualizado terá custos menores com estes encargos", afirma.

Pesquisar o histórico do modelo, para saber se ele está para mudar, é fundamental. Nem todo vendedor será transparente na negociação. Quando as mudanças vão além do visual, a tentação pelo desconto precisa ser repensada, segundo Martins.

"O acréscimo de tecnologias de segurança e de conectividade é cada vez mais desejado pelo consumidor. A linha antecessora, desprovida desses itens, também terá maior

desvalorização, então acaba não sendo tão vantajoso optar pelo modelo descontinuado. A não ser que o abatimento seja muito significativo", afirma.

\*

## **O CICLO DE VIDA DO AUTOMÓVEL**

As mudanças que ocorrem entre o lançamento e a aposentadoria

### **Novidade**

O carro é apresentado ao mercado e chega em cores exclusivas para chamar a atenção. É vendido pelo preço sugerido pela montadora, raramente há descontos

### **Dois anos**

As marcas começam a lançar novas versões e séries especiais para manter o veículo em alta. Já é possível negociar mais benefícios na compra, como acessórios

### **De três a quatro anos**

Vem a reestilização, com mudanças pontuais no design, novos itens de conforto e, em alguns casos, alterações mecânicas. É o momento de escolher entre o antigo com bom desconto ou gastar mais para ter a versão atualizada

### **De seis a oito anos**

Uma nova geração é lançada ou o modelo é substituído por outro. O estoque do antigo é vendido com grandes abatimentos de preço

Marcelo Justo/Folhapress



A décima geração do Corolla foi lançada em 2008 e saiu de linha em 2014

## **SAIBA NEGOCIAR**

O que é preciso saber antes de comprar um carro que está prestes a mudar

### **Pague menos**

Comprar um veículo que será remodelado ou sairá de linha só vale a pena se o desconto chegar a pelo menos 10% do valor de tabela, para compensar a maior desvalorização futura. O consumidor deve negociar equipamentos adicionais e cobertura dos custos de licenciamento

### **O tempo faz diferença**

Se o consumidor pretende ficar mais de dois anos com o veículo, a compra de um carro que vai sofrer alterações é um bom negócio. A depreciação ao longo dos anos será compensada pelos descontos obtidos ao fechar a compra

### **Tecnologia e segurança**

Centrais multimídia modernas e um pacote melhor de segurança podem justificar a troca de um modelo antigo pela versão atual. Quem valoriza esses itens deve comparar as diferenças entre as gerações para não se frustrar

### **Seguro e IPVA**

São despesas baseadas no ano/modelo do veículo. Portanto, serão mais caras para um carro recém-lançado em comparação ao mais antigo

**[Brasil deve olhar oportunidades de fora, diz presidente da Fiat Chrysler](#)**

26/03/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

## ***Brasil é muito insular e precisa reconhecer importância da exportação, diz Sergio Marchionne***

Os desafios econômicos e ambientais por quais o mundo passa hoje podem ser a grande oportunidade de o Brasil se destacar no comércio global, disse acreditar Sergio Marchionne, presidente mundial do grupo ítalo-americano FCA, dono das marcas Fiat e Chrysler.



A mensagem foi transmitida pelo executivo ao presidente Michel Temer durante visita à fábrica da Jeep, em Goiana, Pernambuco, nesta sexta (23).

O grupo anunciou a volta do terceiro turno da produção de carros, que funcionava apenas com dois turnos desde 2016 —o número de empregados passará de 12,1 mil funcionários para 13,6 mil.

“Meu papel foi entregar e encorajar o governo a efetivamente construir oportunidades melhores do que as que vínhamos tendo até agora para competir”, disse.

Segundo ele, não havia interesse da companhia no mercado brasileiro no passado justamente pela falta de abertura às exportações.

“Apesar de todas as iniciativas [da empresa no país], nunca conseguimos fazer do Brasil um mercado global. Agora chegou o momento de trazer esta questão para o governo brasileiro e argentino”.

Na quinta (22), Marchionne esteve com o presidente da Argentina, Mauricio Macri, para debater o mesmo assunto. A União Europeia pressiona o Mercosul pela abertura do seu setor automotivo, dentro das negociações para destravar o acordo de livre-comércio entre os blocos.

De acordo com o executivo, a posição tomada pelos Estados Unidos em relação ao México, ao bloco do Nafta e a relação comercial com outros países recentemente traz uma mudança significativa para a economia global, onde o foco americano se mostra mais local do que foi historicamente até agora.

“Temos de ver como essas discussões [com o governo americano] se darão nos próximos seis, nove meses, mas essa é sem dúvida uma chance de a América Latina ter um espaço maior globalmente, principalmente para o Brasil”, disse Marchionne.

O executivo disse ainda que pode ser mais importante do que nunca para o Brasil hoje “abraçar oportunidades de exposição comercial de uma maneira real”.

“O Brasil é muito insular, ele olha muito para dentro, e precisa começar a olhar as oportunidades de fora, reconhecer a importância das exportações e encarar isso como um projeto”, afirmou.

Nesse sentido, as multinacionais poderiam ser aliadas do governo federal na busca de caminhos para uma abertura comercial, na opinião do executivo. “Temos [companhias] condições e ferramentas para ajudar o país, não só numa base local, mas internacional”.

## **CRISE E COMBUSTÍVEL**

Questionado sobre a imprevisibilidade econômica e política do Brasil, o executivo preferiu não fazer comentários “porque é muito fácil para alguém vindo de fora criticar o governo”. Mas salientou que a companhia “entende a gravidade do problema”.

“Nossa experiência em várias crises nos mostra que o Brasil está lidando muito bem com o problema e estamos vendo um início de recuperação econômica”, disse. “Nosso

foco é apoiarmos os países onde atuamos e torcemos para que vocês [Brasil] encontrem uma liderança que garanta a recuperação econômica por muitos anos”.

Sobre o fato de a companhia não ter grandes planos na área de veículos elétricos, o presidente argumentou que esse segmento ainda é muito incipiente. Se a companhia começasse a produzir elétricos em massa no país iria falir até o Natal, disse.

Ele acredita que é impossível atualmente criar um modelo econômico para carros que não usem nenhum combustível. Mais plausível que isso seria pensar em soluções que sejam ambientalmente mais vantajosas, como é o caso do etanol.

O Brasil, afirmou o executivo, tem uma relação de destaque quanto a etanol, uma posição que nenhum outro no mundo tem e precisa explorar isso como uma forma de trazer solução energética para o setor.

“Precisamos nutrir o que temos aqui. Ignorar essa oportunidade é um crime e o governo precisa usar isso como uma solução para os problemas da emissão de gás carbônico”, disse.

Na opinião de Marchionne, a fabricante Tesla, do bilionário Elon Musk, é fenomenal, mas não ganhou dinheiro vendendo carros e, no caso de uma empresa como a FCA, é preciso pensar em um modelo que possa ser lucrativo.

“Meu conselho é que [o mercado automotivo brasileiro] não comece a criar algo de que não precisa, e foque na produção de etanol”, afirmou. “Não percam essa oportunidade, usem essa chance”.

### **Ações de siderúrgicas estão em queda na bolsa**

26/03/2018 – Fonte: Tribuna PR

A concessão de isenção de sobretaxas pelos Estados Unidos para as importações de aço do Brasil até o início de maio e a retomada da economia brasileira, sinalizada nos dados de produção e venda no primeiro bimestre, colocaram o setor de siderurgia no foco dos investidores. Apesar do noticiário favorável, no entanto, as ações preferenciais da Usiminas acumulam queda de 11,12% em março, enquanto os papéis ordinários da CSN têm perdas de 15,57%.

A Casa Branca confirmou que vai conceder ao Brasil isenção da tarifa de 25% às importações de aço e 10% para as de alumínio até 1.º de maio. A barreira comercial está suspensa também para Argentina, Austrália, Canadá, Coreia do Sul, México e membros da União Europeia. Segundo a Casa Branca, Donald Trump vai decidir até o fim de abril se a pausa nas restrições comerciais será permanente.

Para o analista Carlos Soares, da Magliano Investimentos, mesmo com a isenção da taxa aos produtos siderúrgicos brasileiros, a taxação das importações nos Estados Unidos traz um risco de desvio de oferta de itens sobretaxados pelos americanos para o nosso mercado e que poderiam afetar os preços praticados internamente. “Seguimos atentos aos desdobramentos das negociações envolvendo as medidas anunciadas recentemente pelo governo americano.”

Em alta

A produção brasileira de aço bruto em fevereiro somou 2,714 milhões de toneladas, alta de 5,5% em relação ao mesmo mês do ano passado, segundo dados divulgados esta semana pelo Instituto Aço Brasil (IABr). No bimestre, o volume chegou em 5,58 milhões de toneladas e avançou 3,3%. O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos foi de 3,2 milhões de toneladas no primeiro bimestre de 2018, alta de 12,6%.

O setor de distribuição do produto também divulgou seus números na semana passada. As compras de aço plano feitas pela rede de distribuição em fevereiro nas siderúrgicas subiram 16% em relação ao mesmo mês do ano passado, para 257,8 mil toneladas, segundo o Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda).